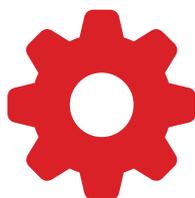


LIVRO DAS LIVES

REFLEXÕES PARA A EDUCAÇÃO PÓS-PANDEMIA



LIVRO DAS LIVES



@ Fundação Santillana, 2021.

FUNDAÇÃO SANTILLANA

SECRETÁRIO EXECUTIVO

Luciano Monteiro

DIRETOR DE POLÍTICAS PÚBLICAS

André Lázaro

DIRETOR ACADÊMICO

Miguel Thompson (*in memoriam*)

GERENTE DE RELAÇÕES INSTITUCIONAIS

Karyne Alencar Castro

ORGANIZAÇÃO DOS WEBINÁRIOS FUNDAÇÃO SANTILLANA

André Lázaro

Beatriz Maia

Karyne Alencar Castro

Miguel Thompson

PRODUÇÃO EDITORIAL

COORDENAÇÃO E EDIÇÃO

Ana Luisa Astiz / AA Studio

PREPARAÇÃO

Marcia Menin

REVISÃO

Cida Medeiros e Lígia Arata

CAPA E PROJETO GRÁFICO

Paula Astiz

DIAGRAMAÇÃO

Paula Astiz Design

Nota do editor: todos os *links* foram checados em dezembro de 2021.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Livro das lives [livro eletrônico] : reflexões para a educação pós-pandemia / organização
André Lázaro... [et al.]. — 1ª ed. — São Paulo: Fundação Santillana, 2021.
PDF.

Outros autores : Beatriz Maia, Karyne Alencar Castro, Miguel Thompson.
ISBN 978-85-63489-55-5

1. COVID-19 – Pandemia 2. Cultura digital 3. Educação 4. Educação a distância 5.
Tecnologia da informação e comunicação I. Lázaro, André.
II. Maia, Beatriz. III. Castro, Karyne Alencar. IV. Thompson, Miguel.

22-99802

CDD-370.71

Índices para catálogo sistemático:

1. Cultura digital: Aprendizagem: Professores Educação 370.71
Aline Grazielle Benitez – Bibliotecária – CRB-1/3129

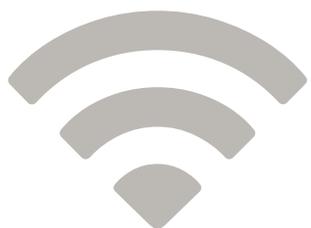
**“A primeira coisa é entender que
a escola é alegria, escola é diversidade,
escola permite que a gente seja mais ser
humano e construa uma sociedade melhor.”**

MIGUEL THOMPSON (1964-2021)

Este livro é dedicado a ele, por ter presenteado tanta gente,
em tantos lugares, com ousadia, entusiasmo, comprometimento,
criatividade e confiança na construção de um futuro melhor.

Obrigado, Professor Miguel!





8 Apresentação

12 Como foi criado este livro

24 O sentido da Educação

60 Cultura digital e tecnologia

74 O trabalho do professor

94 O trabalho do gestor

116 O trabalho da família

128 O trabalho da comunidade

136 Projetos para inspirar

154 Todos os webinários de 2020 e 2021

166 A Fundação Santillana

Apresentação



Este livro reúne diálogos em torno dos desafios da Educação que emergiram durante a pandemia de covid-19, mas estavam latentes desde antes. A Fundação Santillana se somou aos esforços de educadores e educadoras, organizações da sociedade civil e movimentos sociais que, ao longo da crise sanitária, se empenharam para que os vínculos educacionais entre comunidades escolares, estudantes e familiares resistissem.

Resistir é criar. A Educação resiste ao criar alternativas de diálogo, inserindo as adversidades em sua agenda de transformação. No Brasil, a Educação, pública e privada, em diferentes graus, se esforçou para resistir à brutalidade da crise sanitária e suas implicações emocionais, sociais e econômicas.

Educação é mais do que ensino. Como manter vínculos e ampliar a solidariedade? Que relações podem ser desenvolvidas pelos profissionais entre si, com as famílias e com os estudantes? O que e como ensinar nesse contexto de risco? Como enfrentar as desigualdades que se aprofundam e garantir os direitos de nossas crianças, jovens e adultos?

O contingente escolar brasileiro é gigantesco: da Creche à Pós-Graduação, são mais de 60 milhões de pessoas cotidianamente envolvidas em suas atividades. Na Educação Básica, 80% dos docentes são mulheres. Durante a pandemia, as trabalhadoras da Educação tiveram exigências ainda maiores, haja vista a desigual distribuição do tempo dedicado à vida doméstica. Do mesmo modo, moradores do campo e das periferias e a população negra em geral sofreram consequências mais graves, segundo as pesquisas disponíveis. Desigualdades de renda, de localização e território, de gênero e raça/cor se somaram nesse momento trágico.

Nesse cenário de necessidades urgentes, cresce o papel das instituições. A Fundação Santillana se engajou nos esforços para enfrentar a crise e suas ameaçadoras consequências. Assim, desde abril de 2020 realizamos encontros para desenvolver “Reflexões para um mundo pós-pandemia” e pensar o papel da Educação em meio a essa transformação.

Os impactos da pandemia na Educação são imensos: aumentaram as desigualdades, processos de inclusão foram interrompidos,

profissionais passaram a ser exigidos além de seus limites. Na emergência, o uso das tecnologias impôs adesões sem que a formação pedagógica permitisse desenvolver as capacidades necessárias. Toda a comunidade perdeu com o fechamento das escolas, mas, ao mesmo tempo, surgiram iniciativas inovadoras para superar as limitações impostas.

A Educação já vivia uma transição, que foi acelerada pela pandemia. Por um lado, está definitivamente superada a Educação bancária, repetitiva, memorizada, estanque; por outro, há projetos em disputa. Neste momento de perigo, buscamos ouvir quem pensa, faz e se empenha pela Educação.

Nossos encontros semanais foram o espaço de diálogo com pessoas para quem a Educação é parte de um processo de conhecimento, compreensão e transformação, tanto pessoal como do mundo – uma Educação militante pelos direitos humanos, pelos direitos de aprendizagem, pela valorização da diversidade e comprometida com a sociedade mais justa, sem racismo e outras formas de discriminação.

A definição de temas e convidados foi o resultado do diálogo constante da equipe: Luciano Monteiro, Miguel Thompson, Karyne Alencar, Beatriz Maia e eu. Sempre era possível pedir indicações a Solange Petrosino, da Editora Moderna, e às organizações parceiras da Fundação. Para cada encontro, um roteiro prévio apurava as implicações e desdobramentos da crise no tema em pauta. Construiu-se, desse modo, uma rede de troca de informações que contribuiu tanto para a resistência criativa de práticas pedagógicas como para divulgar as soluções encontradas e enfrentar, juntos, o peso da pandemia.

À medida que avançava o trabalho e crescia a adesão do público, percebemos que tínhamos um tesouro a ser compartilhado. Assim nasce esta publicação. Das *lives* realizadas, selecionamos um conjunto inicial a partir do qual nossa editora, Ana Astiz, criou um verdadeiro diálogo entre os participantes. Sua dedicação fez soar afinidades e destacar questões que tornam este livro uma síntese criativa do trabalho coletivo.

A leitura deste livro permite identificar processos de transformação do sentido e das práticas educativas que já são uma realida-

de em diversos espaços do território brasileiro, nos diversos níveis e modalidades, que trazem ensinamentos fundamentais para todos nós.

A equipe da Fundação Santillana, por meio desta publicação, reafirma seu compromisso com o direito de todas as pessoas à Educação que garanta equidade e qualidade e contribua para as transformações tão urgentes de nosso modo de viver. Precisamos fortalecer em nossas práticas educativas os compromissos com a ciência, com a convivência democrática, com o respeito e com a valorização da diversidade sociocultural do país.

Ao longo dessa jornada, perdemos Miguel Thompson, professor querido, investigador inquieto e dedicado. Acometido por um câncer, veio a falecer em junho de 2021, deixando um imenso legado intelectual e afetivo. A convivência com Miguel fez dos nossos encontros semanais um momento iluminado, e queremos registrar nossos agradecimentos por sua generosa e alegre presença.

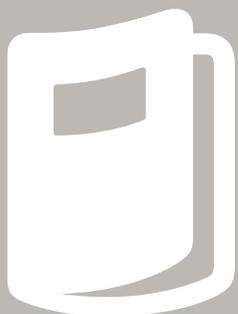
No ano em que se comemora o centenário de Paulo Freire, relembramos sua presença frequente em nossas conversas. Ele chegava pelas mãos de Miguel, que trazia para a tela o pequeno boneco do nosso patrono, morador de sua estante. Ali, por suas mãos e argumentos, Paulo Freire participava de nossos encontros.

O trabalho que a Fundação Santillana realiza busca honrar e salvaguardar as melhores esperanças de nossa Educação. A pessoa de Miguel Thompson figura para nós como quem alimenta essas promessas. Que este livro reavive nossa confiança e seja uma homenagem a quem resiste e cria.

ANDRÉ LÁZARO

Diretor de políticas públicas da Fundação Santillana

Como foi criado este livro



A Fundação Santillana realizou, de abril de 2020 a dezembro de 2021, 87 webinários, nos quais tivemos a valiosa participação de 138 convidados representando mais de 80 entidades, entre professoras e professores, secretarias de Educação, academia, terceiro setor e organizações da sociedade civil. O público total estimado foi de cerca de 350 mil pessoas, que nos prestigiaram encontro a encontro. Agradecemos a todos os especialistas e a todos os participantes, pois a riqueza dos debates é que nos moveu a organizar esta coleção. Com o primeiro volume, *Reflexões para a Educação pós-pandemia*, pretendemos registrar, ainda que parcialmente, o legado da valente mobilização ocorrida nas escolas e secretarias de Educação de todo o Brasil a partir de março de 2020, quando o país entrou em isolamento social em decorrência da pandemia de covid-19.

Este livro é um mosaico composto por análises, ideias, argumentos e propostas apresentadas ao longo de nove webinários, dos quais extraímos sete temas recorrentes que dão título aos capítulos:

- › **O sentido da Educação**
- › **Cultura digital e tecnologia**
- › **O trabalho do professor**
- › **O trabalho do gestor**
- › **O trabalho da família**
- › **O trabalho da comunidade**
- › **Projetos para inspirar**

As falas dos debatedores foram organizadas de modo a propiciar uma leitura fluente sobre cada assunto. Foi necessário converter a linguagem oral e visual das *lives* para a linguagem escrita. Ocasionalmente, introduzimos nos textos palavras no interior de colchetes de modo a completar e explicitar ideias que, no contexto das transmissões ao vivo, eram compreensíveis, mas que, na página, precisavam ser conectadas. Registramos também as

referências citadas pelos participantes e, quando pertinente, títulos afins publicados pela Fundação Santillana, todos disponíveis para *download* gratuito no site www.fundacaosantillana.org.br. Para completar, na página 154 encontram-se os *links* para os demais webinários realizados até o fechamento desta edição, para rever ou assistir.

Os nove webinários desta edição

É possível uma Educação Infantil a distância?

Educação Infantil em tempo de pandemia e o uso das redes sociais para, de alguma forma, contribuir com as famílias



<http://mod.lk/funda05>



8 de maio de 2020



O tema da Educação Infantil em tempos de pandemia apareceu sistematicamente nas perguntas e comentários de professores, gestores e pais nos webinários ao longo de 2020. Com desafios bastante específicos, desde a necessidade de acompanhamento dos responsáveis para realizar atividades em casa até os perigos do excesso de exposição às telas e a importância da vivência de experiências, ficou claro que essa etapa demandava um planejamento especial, sobretudo durante o isolamento social.

Debateram o tema Beatriz Cardoso, doutora em Educação e presidente do Laboratório de Educação, e Rogério Morais, secretário-executivo para a Primeira Infância do Recife (PE).



Corpo e mente: a formação integral em um mundo virtual

Dificuldades e possibilidades para trabalhar a corporalidade a distância



<http://mod.lk/funda07>



21 de maio de 2020



O isolamento social imposto pela pandemia de covid-19 levou a Educação para o espaço digital. Quais prejuízos a falta do encontro físico pode causar? Como trabalhar a corporalidade a distância? O que podemos mudar na formação integral dos jovens quando for possível voltar a conviver presencialmente? Para debater essas questões, convidamos o educador Ivaldo Bertazzo, especialista em educação do corpo e transformação do gesto como manifestação da própria individualidade, e a pesquisadora Elvira Souza Lima, especialista em desenvolvimento humano na perspectiva biológico-cultural.

Ele viajou o mundo incorporando movimentos e a cultura gestual de diversos lugares a seu trabalho. Criou a Escola Ivaldo Bertazzo e o Método Bertazzo de Reeducação do Movimento. Autor de seis livros, atua diretamente com a formação de profissionais das áreas de saúde, Educação, arte e esporte.

Ela tem formação em neurociência, antropologia, música e psicologia. É doutora pela Universidade Sorbonne e tem pós-doutorado pela Stanford. Sua pesquisa se concentra na área da neurociência e da cultura aplicadas à Educação.



Movimento negro educador

A potência do movimento negro na Educação brasileira e as formas pelas quais é possível abordar sua história em sala de aula



<http://mod.lk/funda11>



9 de junho de 2020



“Movimento negro educador”: a expressão recupera um conceito muito relevante – os saberes sociais são construções coletivas, processos em movimento que decorrem de tensões e conflitos da vida social. Como o movimento negro tem educado a sociedade brasileira? O racismo atravessa a história do país e perpetua formas de desigualdade e discriminação. A Educação tem sido convocada para assumir com firmeza uma postura antirracista para desconstruir o pseudoconhecimento mobilizado pelos argumentos racistas.

O livro de Nilma Lino Gomes, professora emérita da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), empresta o título ao encontro. Ela debateu o tema com Dandara Tonantzin, mestranda da Faculdade de Educação da UFMG, onde pesquisa o currículo das “escrevivências” de ciberfeministas negras.

Ailton Krenak: ideias para adiar o fim do mundo

O escritor Ailton Krenak faz uma reflexão inspiradora sobre a presença humana no planeta – e para onde estamos caminhando



<http://mod.lk/funda16>



25 de junho de 2020



O líder indígena, ativista e escritor Ailton Krenak, um dos grandes pensadores do nosso tempo, refletiu com o público sobre a crise provocada pela pandemia de covid-19, como chegamos até aqui e quais as perspectivas para o futuro do mundo.



Educação na pandemia: voz e ação de professoras e professores

Dois professores premiados compartilham experiências de sucesso na Educação pública brasileira



<http://mod.lk/funda34>



17 de setembro de 2020



Os desafios da Educação em meio à pandemia são sentidos por toda a comunidade escolar, embora não haja dúvidas de que professoras e professores, que vivem o dia a dia das salas de aula, são especialmente importantes nas tomadas de decisão. Para ouvir e debater iniciativas, angústias e perspectivas, recebemos uma professora e um professor com trajetórias distintas, ambas reconhecidas em premiações internacionais.

Lilia Melo foi finalista do Global Teacher Prize e vencedora do Prêmio Professores do Brasil. É professora em Belém (PA) e embaixadora da Teach The Future Brasil 2020.

Jayse Ferreira é arte-educador em Pedras de Fogo (PB). Especializado em psicopedagogia, venceu duas vezes o Prêmio Professores do Brasil e foi escolhido como um dos 50 melhores professores do mundo pelo Global Teacher Prize.



Ideb: mitos e fatos da Educação brasileira

História, critérios e utilizações do índice e seus impactos na organização da Educação pública



<http://mod.lk/funda37>



8 de outubro de 2020



A divulgação dos resultados do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb) 2019 evidenciou questões importantes sobre a qualidade da Educação no Brasil, avaliada por esse indicador desde 2005. O mito de que não se avança é usado como justificativa para retirar recursos da área, mas o que mostra de fato o retrato dos últimos 15 anos?

Debateram o tema dois especialistas: Isabel Schwartzman, diretora de Avaliação da Santillana, e Reynaldo Fernandes, professor de economia na Universidade de São Paulo (USP) e ex-diretor do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), um dos criadores do Ideb, com o então ministro da Educação Fernando Haddad.



Como incorporar as aprendizagens da pandemia ao currículo escolar

Reflexões sobre a volta às escolas e o acolhimento da comunidade escolar



<http://mod.lk/funda39>



22 de outubro de 2020



Apesar das perdas impostas a alunos e professores pelo fechamento das escolas em decorrência da pandemia de covid-19 a partir de março de 2020, houve aprendizados. Docentes, estudantes e suas famílias aprenderam sobre uma nova doença, sobre tecnologia na Educação e sobre os sentimentos em momentos de grave crise, para citar alguns exemplos. Como os currículos escolares se organizarão em torno desses temas?

Para refletir sobre essas aprendizagens, recebemos Natácha Costa, diretora-geral da Associação Cidade Escola Aprendiz, e Laura Souza, professora da Universidade Federal de Alagoas e ex-secretária de Educação do mesmo estado.

Alfabetização na pandemia: caminhos e estratégias

Algumas estratégias para o sucesso da alfabetização durante o fechamento das escolas



<http://mod.lk/funda40>



29 de outubro de 2020



A alfabetização está entre as fases mais sensíveis do aprendizado, e o fechamento das escolas despertou grande preocupação. Quais os caminhos possíveis para alfabetizar durante a pandemia de covid-19? Os prejuízos são inevitáveis? Quais os impactos na Educação brasileira para os próximos anos?

Debateram o tema a professora emérita da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) Magda Soares, uma das principais referências em alfabetização no Brasil, e Herbert Lima, secretário de Educação de Sobral (CE), município que vem alcançando, ao longo de anos, resultados marcantes nas políticas de alfabetização.



Ocupar as escolas, recriar a Educação: caminhos e desafios atuais

Que escola queremos na retomada das aulas presenciais?



<http://mod.lk/funda43>



19 de novembro de 2020



O fechamento das escolas durante a pandemia e os planos de retomada das aulas presenciais aceleraram os debates sobre qual Educação queremos como nação e qual o papel das escolas, dos alunos, dos professores e da comunidade nessa construção.

Debateram o tema Helena Singer e Cybele Amado. Helena Singer é líder da Estratégia de Juventude América Latina na Ashoka, foi assessora especial do Ministério da Educação (onde coordenou o projeto Mapa de Inovação e Criatividade na Educação Básica) e dirigiu o Departamento de Ações Estratégicas e Inovação no Sesc Nacional. Cybele Amado é diretora-geral do Instituto Anísio Teixeira da Secretaria de Educação do Estado da Bahia e ex-diretora-executiva e ex-presidente do Instituto Chapada, também da Bahia.



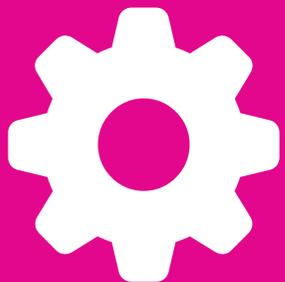
O sentido da Educação



Eu penso que a escola é filha da ciência, do Iluminismo. A ciência é muito importante neste momento de irracionalismo. Por outro lado, temos que ser críticos em relação à ciência, porque ela trouxe a técnica. A Escola de Frankfurt diz que tudo virou técnica. Eu tenho discutido muito esse aspecto. [...] Há muitos outros saberes que a escola isolou. [...] Temos que distribuir a ciência, mas também distribuir os conhecimentos tradicionais dos povos da floresta, de todos os outros povos, para conseguir formar um ser humano integral. A escola tem que se abrir para outras culturas e tem que relativizar e criticar o conhecimento científico também.



Miguel Thompson em “Ailton Krenak: ideias para adiar o fim do mundo”, com André Lázaro e Ailton Krenak, 25 de junho de 2020.



Primeiro, a Educação Infantil

Uma questão importante é que temos o momento covid e o pós-covid, mas temos o pré-covid. A Educação Infantil sempre ficou relegada a um segundo plano, como se fosse algo menor, como se fosse uma coisa de quem gosta de criança. Na verdade, estudos recentes, internacionais inclusive, têm mostrado que essa é a fase de maior importância na formação do ser humano, [quando] se estrutura uma porção de coisas [...] extremamente importantes para a escolaridade futura. Vínhamos ganhando terreno, talvez agora a gente ganhe um pouco mais ou não, [mas] temos que estar muito atentos para o que é que vai acontecer nessa transição. Em que lugar a Educação Infantil vai ficar? Quais são os problemas que eu vejo? [...] Há um grande risco, na minha opinião, de que se abra uma brecha para uma didatização da primeira infância, [para] uma escolarização precoce, [em que] se quer, apressadamente, ganhar território e usar a Educação Infantil como uma prevenção do futuro. Ela não é isso. Ela é um momento de desenvolvimento que tem suas características e que precisa ser cuidado com muita atenção dentro desse cenário. O que é pertinente [nesse] momento do desenvolvimento infantil? Para que servem aquelas bases? Como crio contextos produtivos para que a criança se desenvolva da melhor maneira? [...] Existe um risco muito grande, neste momento em que estamos longe das crianças e dos professores, quando os pais têm que dar conta [de apoiar os filhos pequenos], de que volte uma representação muito escolarizada, [na qual] o que importa são letras, números, papel e lápis e atividades muito mecânicas. [Isso] é o que está no repertório das famílias menos escolarizadas, porque no imaginário delas Educação é isso. [Mas] hoje, por conta das pesquisas, a

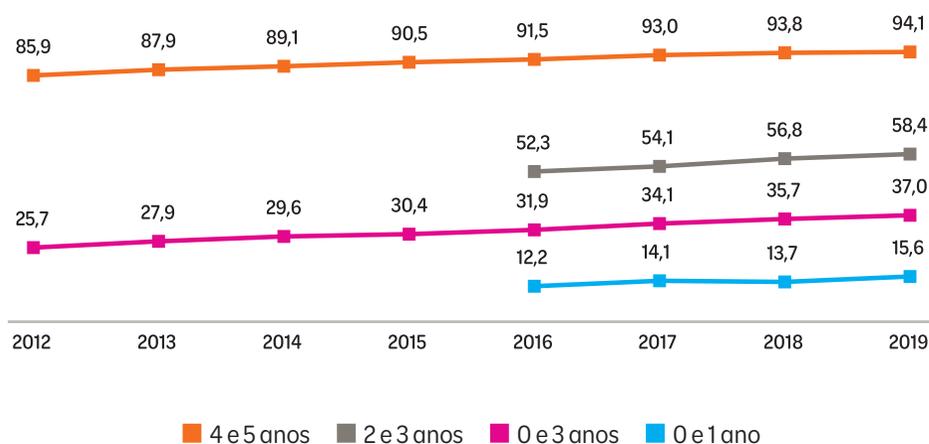
gente sabe que **o que mais importa [nessa etapa da vida] é o diálogo, a interação, a qualificação da conversa, da escuta, da pergunta e das atividades** que a gente faz para a criança [desenvolver] um espírito explorativo, [para que] ela possa ir construindo o conhecimento [sobre o] mundo dela. [Temos] que estar muito atentos [a isso] neste momento.



Beatriz Cardoso, doutora em Educação e presidente do Laboratório de Educação.

ACESSO

Porcentagem de crianças matriculadas em creches e pré-escolas
Brasil, 2012-2019



Fonte: IBGE/Pnad, 2012 a 2015; IBGE/Pnad Contínua, 2016 a 2019. Elaboração: Todos Pela Educação. Anuário Brasileiro da Educação Básica.

Eu espero que o fortalecimento da Educação Infantil seja um exemplo para o fortalecimento da Educação como um todo. A Educação Infantil, para mim, é a grande esperança de influenciar o Ensino Fundamental; [que] o Ensino Fundamental [pare] de influenciar com essa cultura conteudista a Educação Infantil, e a Educação Infantil [comece a] influenciar mais o Ensino Fundamental.



Rogério Morais, secretário-executivo para a Primeira Infância do Recife (PE).

Outro dia alguém comentava sobre uma pessoa célebre que faleceu e dizia: “Ela nunca deixou de ser criança e nunca se tornou um adulto”, no sentido corriqueiro e acomodado que a palavra “adulto” tem. **Que a Educação Infantil ilumine com sua alegria e capacidade de transformar o lúdico em aprendizagem:** esse é um desafio.



André Lázaro em “É possível uma Educação Infantil a distância?”, com Miguel Thompson, Beatriz Cardoso e Rogério Morais, 8 de maio de 2020.



Palavras às professoras que ensinam a ler e a escrever.

<https://www.fundacaosantillana.org.br/publicacao/palavras-as-professoras-que-ensinam-a-ler-e-a-escrever>.

Em seguida, a alfabetização

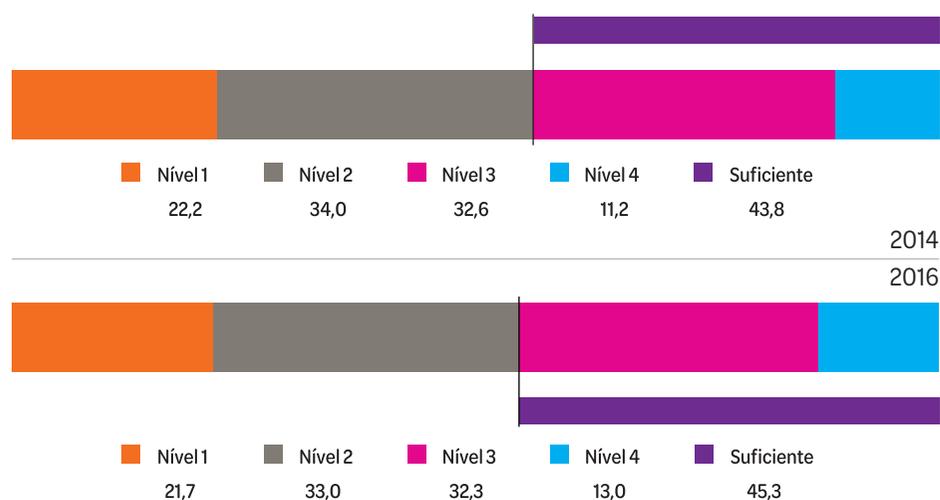
Há décadas temos tido maus resultados, resultados precários, insatisfatórios na alfabetização das crianças, o que se reflete no domínio da língua escrita – do escrever e do ler – nos jovens e até nos estudantes de curso superior, que têm dificuldades de ler, interpretar e compreender. Então, **a alfabetização é o pilar** desse processo. Se não for bem-feita, vai conduzir a todas essas vergonhas que nós temos passado diante dos outros países do mundo.



Magda Soares, professora emérita da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

ALFABETIZAÇÃO

Porcentagem de alunos do 3º ano do Ensino Fundamental por nível de proficiência em leitura
Brasil, 2014 e 2016



Fonte: MEC/Inep/DaeB – Microdados do ANA. Elaboração: Todos Pela Educação. Anuário Brasileiro da Educação Básica 2021.

Eu vou contar a vocês o que o Paulo Freire me disse no meu último encontro com ele: “Eu não dou conta de mais de nada, agora é com você”. Olha o que ele fez comigo. Eu respondi: “Paulo, não me dê essa responsabilidade”. Mas eu fui obedecendo, agora só falando – atualmente nessa moda das *lives* –, **falando, falando, falando para ver se a gente consegue despertar a responsabilidade pela Educação neste país**. Então, fico feliz com esta *live*, por ter mais uma oportunidade de fazer essa reflexão.



Magda Soares

Depois, o currículo

Há uma luta forte entre **movimentos curriculares que tentam trazer um protagonismo de todos** – professores, alunos, famílias – e outro modelo que quer disciplinar, que quer fazer com que os estudantes simplesmente respondam. Nós temos que estar atentos a essas novas mudanças curriculares, para que, de fato, todas as pessoas se expressem e mostrem seus valores.



Miguel Thompson em “Educação na pandemia: voz e ação de professoras e professores”, com André Lázaro, Lilia Melo e Jayse Ferreira, 17 de setembro de 2020.

É muito concreta essa ideia de que **o currículo é um terreno de disputa**. É muito evidente quando você traz o exemplo das escolas cívico-militares, que em vez de protagonismo querem a submissão a uma ordem estabelecida, e essa ordem nem sequer é discutida.



André Lázaro em “Educação na pandemia: voz e ação de professoras e professores”, com Miguel Thompson, Lilia Melo e Jayse Ferreira, 17 de setembro de 2020.

Tem tanta coisa legal acontecendo na escola [que], às vezes, a universidade não acompanha. Parte da universidade é muito conservadora. A gente também vê parte das fundações, das ONGs¹, tendo concepção de standardização, não de valorização de cada território. O que eu gostaria muito que a gente entendesse também é que **mudar um paradigma leva muitos anos**. Então, professores inovadores como a Lilia [Melo] e o Jayse [Ferreira] sofrem muito. A gente está falando das coisas bonitas, mas há muitas pressões desde quando estão ganhando prêmio ou porque estão trazendo algo muito diferente. Mas é só assim que a gente vai fazer a transformação. Então, quero dizer obrigado, Jayse, e obrigado, Lilia.



Miguel Thompson, com André Lázaro, Lilia Melo e Jayse Ferreira.

1. Organizações não governamentais.

Mas é preciso aprender além da escola...

A pandemia, em semanas, destruiu toda essa estrutura tão consolidada da experiência escolar que nós todos temos e colocou isso em xeque. Agora, em países de todo o mundo, e aqui no Brasil [...], estamos sem poder voltar para aquele velho esquema. Então, imediatamente, as pessoas começam a falar: “Bom, então estamos perdendo, isso deve ser uma tragédia, as crianças estão desaprendendo, estão tendo perdas na aprendizagem”. Começou-se a falar disso porque, quando uma estrutura tão consolidada, de repente, é suspensa, a gente começa a imaginar toda a falta que ela está produzindo. De fato, há faltas, é indiscutível, mas temos que perceber também que **as pessoas não pararam de aprender nesses meses todos [da pandemia]**. Então é a partir das aprendizagens que as crianças tiveram sobre todo esse contexto, [sobre] tudo o que nos levou a este mundo da pandemia, que os pais tiveram que se aproximar mais da realidade dos estudantes, muitas vezes tendo que mediar a relação deles com a escola. Os professores, sobretudo, tiveram [que se aproximar dos] muitos recursos que existem para a Educação sem ser presencial e [explorar] como eles podem se relacionar com os estudantes, as várias ferramentas, os vários dispositivos que não conheciam. **Todas essas aprendizagens têm que ser consideradas para a reinvenção da escola de que nós precisamos** para atender às necessidades dos jovens e para atender às necessidades do mundo. Que mundo que a gente vai construir a partir de agora? Deve ser um mundo que evite novas pandemias como esta.



O que é preciso aprender hoje? Da escola das respostas à escola das perguntas.

<https://www.fundacaosantillana.org.br/publicacao/o-que-e-preciso-aprender-hoje>.

[...]

E a gente pode ocupar as escolas, os prédios das escolas, não para ter aquelas aulas como a gente vê nas fotos, [com] propostas [como] “leva só metade dos estudantes para a sala de aula, coloca aquele negócio de acrílico no rosto, mantém uma distância do professor”, e a outra metade em casa, assistindo à mesma aula pela internet. Qual é o sentido disso? É melhor os estudantes estarem em casa, todos pela internet, e garantir internet para todos do que ir para a escola para isso. A presença física deve ser valorizada para coisas que sejam, de fato, interações – debates, conversas, trocas, grupos pequenos –, não necessariamente dentro da sala de aula, mas **nos espaços abertos, dentro e fora da escola, com participações das famílias, não só dos estudantes e dos professores**, porque a gente precisa planejar essa escola. Não vai ser amanhã que essa escola vai voltar com 40 alunos em sala de aula. Isso é bom.



Helena Singer, líder da Estratégia de Juventude América Latina na Ashoka e consultora em projetos de pesquisa e formação em Educação e inovação social.

Não tem como você reproduzir um modelo de aulas de 50 minutos, seis aulas por dia, durante cinco horas na frente de um computador, de uma televisão. Entendemos que **é necessário um trabalho mais concentrado na manutenção do vínculo do estudante com sua escola e que as aprendizagens sejam construídas de modo mais ativo**, partindo de uma reflexão do que é importante no contexto que aquele estudante e aquele professor estão vivendo. Então, fizemos uma proposta bem diferente do que a maioria das redes buscou. Trabalhamos com laboratórios de aprendizagem, com metodologias ativas e eliminamos esse conceito de componente curricular. Então, durante as atividades remotas na rede estadual de Alagoas não se fala mais em componente curricular, se fala em laboratórios de aprendizagem, espaços onde os professores vão trabalhar juntos, de forma interdisciplinar, por meio da proposição de roteiros de estudos para os estudantes. E o que enxergamos de positivo nisso? A possibilidade de os professores trabalharem de maneira colaborativa, um apoiando o outro, tanto do ponto de vista técnico-operacional, quanto do ponto de vista emocional; e esse vínculo com os alunos na busca de desenvolver conhecimentos e habilidades que façam sentido para o momento que ele está atravessando, naquele lugar em que ele está vivendo.



Laura Souza, professora da Universidade Federal de Alagoas e ex-secretária de Educação do mesmo estado.

O que a Educação Integral traz é o seguinte: a gente não se ocupa da instrução em que nosso estudante é passivo no processo de formação, mas estamos preocupados em promover processos de aprendizagem

em que [ele seja] capaz de construir conhecimento e de colocar esse conhecimento em prática. Como isso se revela na pandemia? [...] Vi muitas redes [...] transformando tudo em conteúdo e aula [em plataformas digitais], como se isso fosse satisfatório do ponto de vista de modelos, e, mais do que isso, como se fosse acessível – sabíamos que não era acessível à maior parte dos estudantes. Fiquei muito preocupada com isso e quando procurei as redes com as quais trabalhamos, tive a grata surpresa de ouvir: “Ué, Natacha, agora a gente vai fazer Educação Integral”. É a Educação Integral que nos dá a chave. E o que essas redes fizeram? Acho que [o que fizeram] está muito relacionado a essa afirmação do [John] Dewey² [**“A educação é processo de desenvolvimento, não é preparação para a vida, mas a própria vida”**], mencionada por André Lázaro antes]. Primeiro, entenderam que a escola não podia se ausentar da vida dos estudantes e das famílias, [...] tinham que construir uma presença capaz de garantir o vínculo [com eles]. Segundo, e [...] muito relacionado com a concepção de educação integral, é que não se tratava de transferir conteúdo para plataformas digitais. Preocuparam-se [inicialmente] com a busca ativa dos estudantes, construíram estratégias superarticuladas, supercolaborativas, inclusive entre as famílias, para [chegar] a todos os estudantes. Sabemos que nenhuma rede conseguiu chegar a 100%, mas eu vi [aquelas] orientadas pela concepção [da Educação Integral], chegarem à maior parte, à grande maioria dos estudantes.



Natacha Costa, diretora-geral da Associação Cidade Escola Aprendiz.

2. Filósofo e pedagogo norte-americano. Ver: http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action&co_obra=205233.



O que revela o espaço escolar? Um livro para diretores de escola.

<https://www.fundacaosantillana.org.br/publicacao/o-que-revela-o-espaco-escolar-um-livro-para-diretores-de-escola>.



BNCC – A Base Nacional Comum Curricular na prática da gestão escolar e pedagógica.

<https://www.fundacaosantillana.org.br/publicacao/bncc-na-pratica>.

Eu percebo um movimento muito forte em prol de uma escola que na verdade já não é mais prédio, é uma escola que se espalha. O prédio é um espaço de afetos, mas gradativamente a gente está trabalhando a ideia de projetos, de se envolver com a comunidade, mesmo [em] escolas mais ricas. **Percebo um movimento muito forte de colocar a escola na sociedade e a serviço da resolução de problemas da sociedade e da formação integral, como aparece na BNCC³.**



Miguel Thompson em “Ocupar as escolas, recriar a Educação: caminhos e desafios atuais”, com André Lázaro, Helena Singer e Cybele Amado, 19 de novembro de 2020.

3. Base Nacional Comum Curricular.

[...] Muito interessante foi essa formação de ordem prática que aconteceu. Por exemplo, a menina não tinha acesso à internet, mas tinha algum crédito. Ela disponibilizava esses dados móveis para orientar uma senhora com dificuldade de fazer cadastramento [para receber a renda emergencial]. A gente criou grupos de pessoas dentro do projeto de jovens para dar assistência a uma geração que ainda não está familiarizada com as novas tecnologias. Isso foi brilhante, porque a gente sabe que esses meninos dão a vida por uma conexão. **Esse é o verdadeiro conceito de tu te importares com o outro**, de alteridade, de empatia. Eu pensei: “A gente está exercitando isso na prática”. E isso é Educação.



Lilia Melo, professora em Belém (PA), finalista do Global Teacher Prize, vencedora do Prêmio Professores do Brasil e embaixadora da Teach The Future Brasil 2020.

[...] A maior associação com os resultados de aprendizagem dos estudantes é a escolaridade e renda dos pais, ou seja, hoje, ainda, a Educação é uma herança de classe. Como ela se torna um direito de todas as pessoas? Vocês [Lilia Melo e Jayse Ferreira] estão nos ensinando a buscar e construir caminhos em que a Educação deixa de ser uma herança de classe para ser um direito de todos. Herança de classe, por quê? É aquilo que o Miguel [Thompson] fala: você só informa o que determinada tradição ilumina como válido, e vocês estão trazendo outras tradições que são importantes para outras classes sociais e que a escola bania, porque a escola também se tornou um instrumento de classe.



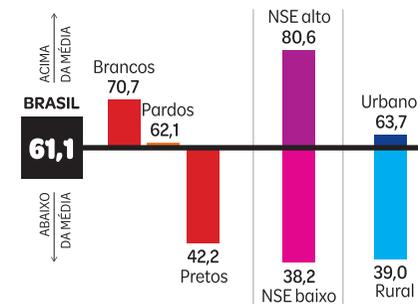
André Lázaro em “Educação na pandemia: voz e ação de professoras e professores”, com Miguel Thompson, Lilia Melo e Jayse Ferreira, 17 de setembro de 2020.

PORCENTAGEM DE ALUNOS COM APRENDIZAGEM ADEQUADA NO SAEB - REDE TOTAL

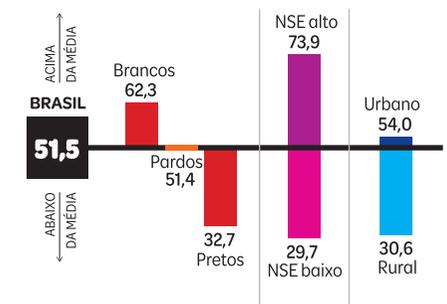
Brasil, 2019

5º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL*

Língua portuguesa



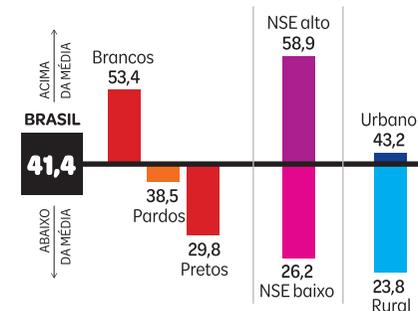
Matemática



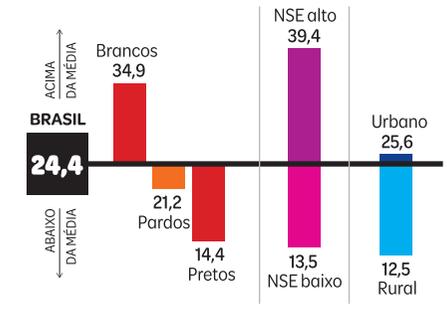
*As desigualdades de raça/cor, renda e localidade têm impacto decisivo no aprendizado de crianças e jovens.

9º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Língua portuguesa



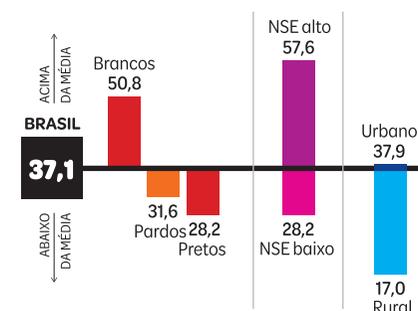
Matemática



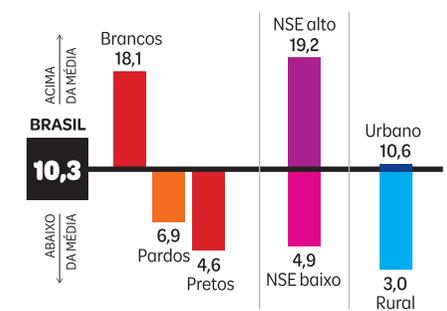
**A altura das barras representa a distância, em pontos percentuais, em relação ao quadro geral do país.

3ª SÉRIE DO ENSINO MÉDIO***

Língua portuguesa



Matemática



***No Ensino Médio, a desigualdade é particularmente significativa quando se analisa o nível socioeconômico.

Fonte: MEC/Inep/Daeb - Microdados do Saeb. Elaboração: Todos Pela Educação. Anuário Brasileiro da Educação Básica 2021.

... com o corpo...

Nós somos uma espécie de natureza biológica e cultural. O cérebro não está lá pairando, **o corpo todo aprende**. A separação entre corpo e mente, antes da pandemia, já era algo que vinha sendo muito trabalhado pelos neurocientistas, e que vem dialogando muito com a arte. Não há separação no cérebro entre arte e ciência. Nós temos no cérebro o que chamamos de interdisciplinaridade. [Um exemplo:] como músico, você aprende instrumento, canta no coral; [mas] nós temos um cérebro musical, a gente canta sem ter que estudar. Realizar atividades como ouvir música e tocar instrumento modifica fisicamente o cérebro, faz com que áreas dele sejam mais desenvolvidas e utilizadas para várias aprendizagens dos conhecimentos formais. Então essa separação de corpo e mente já vinha sendo trabalhada e agora entendemos que, para essa Educação que vai sendo elaborada durante a pandemia e [para o] pós-pandemia, temos que partir desse ponto fundamental: somos de natureza biológica e cultural. Você vai formando redes neuronais e vai se constituindo como pessoa a partir das experiências que tem. Aí surge a ligação com a cultura, ainda mais a cultura brasileira, que é de grande diversidade, de uma riqueza enorme, muito ignorada pelos currículos.

[...]

[Desde que] apareceu o vírus na China e nos outros países, [com] o isolamento e agora o início do retorno à escola, eu venho observando o ressurgimento da **valorização da Educação e da escola como espaço**. Na antropologia, a gente entende a escola como espaço de cultura, de interação entre as gerações já formadas, os adultos, e as novas gerações. Está acontecendo uma recuperação bem interessante da importância da

escola. No Brasil, teremos que começar a refletir sobre isso. Se você não reconhece a pedagogia como ciência, [e ela permanece] submetida à psicologia, à sociologia, à neurociência etc., fica muito difícil pensar em fazer um caminho próprio. **Esse currículo emergencial é aquele que vai, exatamente neste momento, se utilizar de todas as áreas de atividades do conhecimento humano pensando no sistema emocional, nos sistemas expressivos, para poder trazer a humanização da Educação**. A humanização só pode ser feita através da cultura, e a escola é um espaço de cultura, foi inventada há 5 mil anos e é bem-sucedida, porque até hoje não desapareceu. Agora temos o desafio de retomar essa dimensão humana, porque estamos vendo, de um modo geral, **a importância da empatia, do outro, do coletivo**.

[...]

Tem uma professora de Minas Gerais que fez uma tese sobre o que acontece depois das pandemias – historicamente, sempre foram momentos de transformação social⁴. **Temos que trabalhar com mudanças, mas a mudança com o outro**. Então, [temos] uma questão biológica, cultural e emocional da espécie para poder sobreviver. Estamos vendo a importância do outro e a importância da ciência, e essa retomada do valor da escola como espaço mesmo de formação [para] fazer o que o Ivaldo [Bertazzo] mostrou [ver pp. 90 e 125].



Elvira Souza Lima, especialista em desenvolvimento humano na perspectiva biológico-cultural.

4. Há um grande número de pesquisas e publicações em história, sociologia e saúde que atestam as mudanças sociais e a grande criatividade verificadas após pandemias.

... com o movimento negro...

Eu acho que o movimento negro inaugura relações que são irreversíveis, principalmente para negros e negras. [É a] tomada de consciência, o se entender como sujeito, entender e inaugurar o que a Nilma [Lino Gomes] chama de subjetividades desestabilizadoras. Ela fala isso muito bem no livro *O movimento negro educador*⁵: são subjetividades forjadas na luta, na consciência coletiva, numa dimensão que só a organização de um povo vai conseguir transformar. À medida que nós, negros e negras, avançamos em direitos, os brancos, herdeiros da casa-grande, vão retroceder em privilégios. E essa relação não é tão tranquila, é de um campo de muito conflito, de muita tensão. [...] **Essa tensão racial, esse levante negro que se organiza hoje no mundo sem dúvida nenhuma são muito educadores** e trazem reflexões muito importantes. Quando a gente imaginou que no meio da pandemia teríamos um movimento tão forte nas redes sociais como foi semana passada [início de junho de 2020], de pessoas megafamosas, com 8 milhões de seguidores, cedendo seu perfil para pessoas pretas administrarem? Quando a gente imaginou que o racismo estaria passando em rede nacional em todos os [tele]jornais, no horário nobre?



Dandara Tonantzin, mestranda em Educação na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

Em geral, as pessoas não entendem que o movimento social educa, transforma; elas têm uma visão muito estereotipada dos movimentos sociais como se fossem uma “balbúrdia”, como disse o ministro [da Educação, Abraham Weintraub]⁶, e, ao contrário, **o movimento negro tem papel civilizatório no Brasil**.



André Lázaro, com Miguel Thompson, Dandara Tonantzin e Nilma Lino Gomes.

A sociedade brasileira tem aprendido com o movimento negro e tem aprendido tanto que os poderes instaurados temem esse movimento e temem a conquista de direitos por parte da população negra. Só que fica parecendo que no Brasil tudo acontece sem intenção, sem conflito. Nós somos uma sociedade em ebulição e isso tem sido mostrado nos últimos tempos, mesmo que contraditoriamente, se inspirando na realidade estadunidense. [...] Essa tensão [se dá] no contexto das relações de poder e do racismo no Brasil, que é a tentativa de encobrir qualquer tipo de ebulição e de resistência. Então, como Dandara [Tonantzin] falou, tudo a que a gente tem assistido nesses últimos tempos revela que as pessoas têm uma compreensão da existência do racismo no Brasil, mas **a compreensão que alarga, educa, reeduca, tensiona vem da ação desse**

6. Disponível (somente para assinantes) em: <https://educacao.estadao.com.br/noticias/geral,mec-cortara-verba-de-universidade-por-balburdia-e-ja-mira-unb-uff-uffba,70002809579>.

movimento negro, que faz com que o Estado se movimente e garanta direitos. Não é à toa que a Constituição Federal, no seu artigo 5º, inciso 42, fala que o racismo é crime inafiançável e imprescritível. Nós não teríamos isso se o Estado não reconhecesse que existe racismo aqui. Esse artigo só está lá por fruto de pressão do movimento negro histórico e da ação de parlamentares negros e não negros que conseguiram fazer essa discussão interna [na Constituinte]. Essa aparência de que não existe um racismo tão feroz como nós vivemos no Brasil, que nos últimos tempos está sendo visibilizado via internet, redes sociais, televisão etc., para mim, é fruto da ambiguidade que o racismo brasileiro traz em si. **A ambiguidade do racismo brasileiro se mistura com o fato de sermos uma sociedade racialmente miscigenada, mas a nossa miscigenação, tão cantada em verso e prosa por teóricos das teorias raciais, na realidade é fruto de violência,** e a gente tem que entender que essa violência fez parte do processo de escravização de africanos e africanas e seus descendentes e, principalmente, de uma violência que recai sobre nós, mulheres negras⁷. Então, se pensarmos do ponto de vista da estrutura e do histórico da nossa sociedade, não desconsiderando que os povos quando se encontram se misturam, aqui no Brasil não tivemos um encontro harmonioso entre os diferentes grupos étnico-raciais, principalmente dos três grandes troncos, como se costuma dizer. Não fazendo apologia ao mito das três raças, mas a população indígena, a população africana e seus descendentes e a população europeia branca se misturaram aqui debaixo de uma relação de poder, de exploração, de escravidão,

7. *Atlas da violência 2021*. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/publicacoes>.

de estupro. Eu acho que **isso o movimento negro tem ensinado à sociedade brasileira.** Agora, admitir isso, como Dandara falou, **significa reconhecer privilégios e sair desse lugar de privilégio.** Para uma sociedade tão desigual, com poderes tão instaurados, é melhor fingir que não se aprendeu e fingir que não se sabe do que admitir que foi reeducado e falar “agora eu tenho que tomar uma posição”.



Nilma Lino Gomes, professora emérita da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

Temos avançado na questão dos acessos, das cotas, **mas são avanços tímidos**, e a gente está com medo de perder o que a sociedade conseguiu. Estávamos [Miguel Thompson e André Lázaro] conversando sobre como conhecemos pouco – e nós somos pessoas instruídas, progressistas. **Precisamos ser educados nessa discussão.** É preciso ter uma conexão com o movimento negro; é ele que tem que nos orientar neste momento [sobre] como devemos nos portar e como podemos contribuir para o que estamos discutindo aqui. Eu fui professor de escola de elite durante mais de 20 anos e, nesse tempo, se dei aula para cinco alunos negros foi muito. É muito violento esse racismo estrutural [...].



Miguel Thompson, com André Lázaro, Dandara Tonantzin e Nilma Lino Gomes.

Está estimado pelo IBGE⁸ que, no Brasil, em 2020, somos 211 milhões de pessoas, [sendo] 43% brancos, 46% pardos e 9% pretos, e tem um fenômeno interessante: desde 2012 a quantidade de pessoas que se identificam como pretas cresceu um terço. Isso chama a atenção, então queria saber da Dandara [Tonantzin] e da Nilma [Lino Gomes] como vocês veem esse movimento demográfico de reconhecimento [...].



André Lázaro, com Miguel Thompson, Dandara Tonantzin e Nilma Lino Gomes.

O que está acontecendo na sociedade brasileira é que principalmente **essa nova geração de negros e negras que ressignifica a luta herdada dos movimentos negros anteriores está se recusando a ser colocada num lugar paralelo à sociedade**. A questão racial não é paralela às outras questões do Brasil; ela está imbricada, está misturada; **a questão racial é a questão do Brasil**. Isso eu vejo na presença dessa corporeidade negra da juventude em espaços em que antes não se via. E por que não se via? Porque não era permitido que [a juventude] estivesse ali: é a presença de um outro tipo de corpo, que eu chamo no meu livro⁹ de corpo emancipado. Hoje, quando a sociedade brasileira vê a postura, por exemplo, da juventude negra, seus cabelos, suas roupas, suas falas, suas músicas – o *hip-hop*, o *funk*, a capoeira – num outro lugar, num lugar de enfrentamento que fala “olha, **nós fazemos parte desse Brasil**

8. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

9. GOMES, *op. cit.*

e queremos que esse Brasil se veja e se reconheça negro também”, isso é um processo de tensão e é um processo de aprendizagem. Agora, existem os que querem aprender, aprendem e mudam de postura, e existem aqueles que não querem aprender, porque não querem mudar de postura, não querem perder privilégios. E aí o tensionamento e o conflito estão colocados.



Nilma Lino Gomes

Não é pouca coisa ter uma geração de pretos e pretas da favela formando-se nas universidades públicas. Isso é, sem dúvida nenhuma, um movimento irreversível de tomada de consciência, e acho que esse movimento de tomada de consciência está muito expresso também no nosso corpo. A Nilma [Lino Gomes] fala isso brilhantemente no livro¹⁰: “corpo negro regulado, corpo negro emancipado”. Como esses corpos fazem essa dimensão estética, política, que por si só já é muito questionadora, como a nossa presença em determinados espaços – só por a gente estar lá, já incomoda. **Esse movimento vai gerando também outras ondas e contagiando mais pessoas**. Olha o que foi em 2013, 2014 o movimento da Geração Tombamento, de afirmar o crespo, afirmar o *black*, as tranças, que vem se tornando um movimento que entende que não é só o estético, a casca, porque isso o sistema capitalista vende muito bem – ele tira todos os signos de resistência [do] turbante e [o transforma em] um mero produto na prateleira de uma grande loja. Nós estamos dizendo que ao usar o

10. *Ibidem.*

turbante reafirmamos uma luta ancestral, no sentido de que não pertencemos a essa história da escravidão, a gente tem um passado de realeza, de reis e rainhas em que o turbante é uma coroa, e quando eu o uso eu afirmo minha ancestralidade. Concordo muito com o que o André [Lázaro] falou: o movimento negro, ao inaugurar o debate de ações afirmativas e medidas de reparação social, abre portas sem precedentes, então temos hoje cotas para pessoas de escola pública, para pessoas de baixa renda, para deficientes e para o PPI, que é “pretos, pardos e indígenas” [...].



Dandara Tonantzin

Imaginou-se uma raça negra e sobre ela se projetaram adjetivos negativos, para, silenciosamente, resguardar os brancos como se [estes] não tivessem raça, fossem apenas humanos. **É brutal como o conceito de raça é um conceito criado para gerar desigualdade**, e não para reconhecer nossa condição.



André Lázaro, com Miguel Thompson, Dandara Tonantzin e Nilma Lino Gomes.

O que é bacana que o movimento negro faz, e os intelectuais negros e negras fazem, é **ressignificar politicamente e teoricamente esse conceito [de raça] para retirá-lo do lugar de produzir desigualdade e produzir garantia de direitos e oportunidades**. [...] A discussão sobre a branquitude nos ajuda a pensar nisso; brancos e brancas não se veem como raça, como grupo étnico-racial no Brasil, porque se veem no lugar do universal da normalidade, digamos assim. Então eu acho que as pessoas que estão com dúvida devem se olhar racialmente também, porque todos e todas somos vistos. A raça opera na nossa sociedade para os brancos, para os negros, para os outros grupos étnico-raciais também. [...]



Nilma Lino Gomes

O mais importante disso tudo é dizer que a característica da pele, da cor, do traço, do fenótipo não tem que ser o principal adjetivo ao descrever uma pessoa. Eu dificilmente encontro alguém dizendo: “Ah, conversei com aquele branco ali, do cabelo loiro, do olho azul”. Por que, ao descrever que se conversou com uma pessoa negra, a primeira característica que se diz é: “Ah, é aquele negro, aquele preto ali”? Muitas vezes você pode usar a terminologia mais correta, você pode dizer “negro”, “afrodescendente”, mas a forma como se diz no Brasil diz muito, faz parte desse racismo que está no nosso cotidiano e que é muito naturalizado. A gente acaba convivendo naquela certa cordialidade, mas a gente sabe a perversidade desse racismo. Concordo muito que as pessoas que não são negras precisam entender os privilégios que colhem, a branquitude

precisa se estudar. **Por que as pessoas que são brancas não estão estudando o que é a branquitude tóxica do nosso país?** [...]



Dandara Tonantzin

Vou citar um livro de que gosto muito, *Educação de alma brasileira*¹¹, [sobre] vários educadores brasileiros – Paulo Freire, Milton Santos, Daniel Munduruku, Macaé Evaristo [entre outros]. É um dos poucos livros que falam de uma Educação genuinamente brasileira, e que os professores deveriam ler nesse processo de formação. Para a formação do professor, é necessário acessar diferentes grupos, participar dos debates e se colocar para aprender, porque, de fato, **a gente tem muito a aprender ainda sobre questões da diversidade e da racialidade.**



Miguel Thompson, com André Lázaro, Dandara Tonantzin e Nilma Lino Gomes.

11. Disponível em: <https://sinapse.gife.org.br/download/educacao-de-alma-brasileira>.

Para uma Educação antirracista no Brasil, **é preciso que os intelectuais negros e negras, que produzem conhecimento sobre as relações raciais e Educação Especial também, sejam lidos e conhecidos pelas professoras e professores.** Não só quem faz os cursos, mas quem ministra os cursos, como Lélia Gonzalez¹², que junto com [Carlos] Hasenbalg¹³ têm uma produção muito significativa para fazer essa discussão; Maria Aparecida Bento¹⁴, que nos ajuda a discutir a questão da branquitude; Kabengele Munanga¹⁵, que nos ajuda a compreender a mestiçagem; e Petronilha Beatriz¹⁶ [...]. Uma agenda nossa é pensar a implementação da Educação antirracista em tempos pós-pandemia. A gente vai ter que discutir sobre isso e como essa pandemia afeta e afetará a vida da população negra, principalmente crianças e jovens negros que chegam à escola. Temos que continuar lutando para a implementação da lei [Lei nº 10.639/2003, que torna obrigatório o ensino sobre história e cultura afro-brasileira], que é extremamente irregular. O Ministério Público tem que ser

12. Filósofa, antropóloga, política e autora pioneira nos estudos sobre cultura negra no Brasil. Ver: <http://www.projetomemoria.art.br/leliaGonzalez/>, <https://www.facebook.com/institutoleliagonzalez/> e <https://www.instagram.com/institutoleliagonzalez/>.

13. Sociólogo argentino responsável pela consolidação dos estudos sobre racismo, desigualdades raciais e política racial no Brasil. Ver: <https://doi.org/10.1590/S0102-69922015000100002>.

14. Psicóloga e ativista, diretora do Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades (CEERT). Ver: <https://ceert.org.br/noticias/direitos-humanos/26651/cidabento-reflete-sobre-a-branquitude-e-o-impacto-do-racismo-na-criese-do-coronavirus>.

15. Professor titular do Departamento de Antropologia da Universidade de São Paulo, realiza pesquisas nas áreas de antropologia africana e antropologia da população afro-brasileira. Organizou a publicação *Superando o racismo na escola*. Ver: http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=103321.

16. Relatora do parecer CNE/CP nº 3/2004, que regulamenta a Lei 10.639/2004 e estabelece diretrizes para o ensino de história e cultura africana e afro-brasileira no currículo da rede de ensino do Brasil. Ver: http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/cnecp_003.pdf.

acionado quando gestores das secretarias municipais e estaduais [de Educação] se recusam a implementá-la, porque ela é a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. É urgente a formação de professores repensar a inclusão dessa discussão e **é importante o diálogo com a juventude negra, com a comunidade negra para que a Educação antirracista seja feita “junto com” e não “para”**. Talvez esse seja um outro momento da Educação bastante racista no Brasil. Quais são as estratégias que as instituições escolares, as editoras vão construir para, junto com a comunidade negra, com organizações negras, efetivar uma Educação antirracista? Orientações nós temos, mas temos que dar visibilidade também aos sujeitos que produzem sobre essa Educação e junto com os sujeitos construir essa Educação.



Nilma Lino Gomes¹⁷

17. Ver: “As práticas pedagógicas de trabalho com relações étnico-raciais na escola na perspectiva de Lei 10.639/2003: desafios para a política educacional e indagações para a pesquisa”. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/QFdpZntn6nBHWXPXbmd4YNQf/?format=pdf&lang=pt>.

Eu tenho pesquisado, agora no mestrado, o currículo das escrituras de ciberfeministas negras. É basicamente o que nós, mulheres pretas feministas, estamos escrevendo na internet, principalmente no Instagram. [Com] as redes sociais a gente tem popularizado, democratizado ainda mais esses saberes. [Temos] vários desses livros clássicos de autores muito importantes para o movimento negro, como a Nilma [Lino Gomes] disse, que estão disponíveis em PDF¹⁸, [e] a gente consegue criar redes, compartilhar e se ajudar nessa formação mútua e colaborativa. As redes sociais, além de socializar esses saberes e essas produções, também inauguram outros comportamentos. [...] Queria dizer para as pessoas brancas que elas precisam muito ser comprometidas com a luta antirracista, muito mais do que aliadas, porque aliado ora vem, ora vai. Já dizia Angela Davis¹⁹: **“Numa sociedade racista não basta só não ser racista; é preciso ser antirracista”**. As pessoas que não são negras precisam reconhecer seus privilégios, exercitar o lugar da escuta, potencializar vozes negras e se colocar comprometidas na luta antirracista.



Dandara Tonantzin

18. Ver: <http://forumeja.org.br/book/export/html/1169>, onde há diversos títulos publicados pela Coleção Educação para Todos da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade do Ministério da Educação (Secad/MEC) que tratam do tema racismo, ações afirmativas e Educação. Ver também: *Ensino antirracista na Educação Básica: da formação de professores às práticas escolares*, Thiago Henrique Mota (org.). Disponível em: <https://www.editorafi.com/182antirracismo>.

19. Filósofa, escritora, professora e ativista norte-americana. Ver: <https://www.blogs.unicamp.br/mulheresnafilosofia/angela-davis/>.

... e com outros saberes

Estamos aprendendo com a pandemia que ninguém sai dessa sozinho, nem por área do conhecimento, nem por nacionalidade; que o que fica é a importância da empatia, essa grande capacidade que o ser humano tem de se colocar no lugar do outro, de comunicação e de colaboração em vez de competição. A gente vai mexer muito com avaliação com certeza, mas essa nossa dimensão humana de construir junto, de fazer, de prestar atenção ao que está aí se desenvolve e é uma coisa importante de pensarmos no currículo; há várias formas de fazer. [Tem também] a questão da natureza, essa natureza que colocou cisnes e patos [de volta] nos canais de Veneza, essa natureza que de certa maneira assumiu alguns espaços onde ela não estava. [Também é importante] **incluirmos no nosso pensamento a sabedoria dos povos indígenas.** [...]



Elvira Souza Lima

EDUCAÇÃO DA POPULAÇÃO DO CAMPO, INDÍGENAS E QUILOMBOLAS

Brasil, 2020

CAMPO

5.177.972

é o total de matrículas na zona rural



As regiões Nordeste, Sudeste e Sul concentram as matrículas em áreas rurais

São 4.424

municípios com matrículas na zona rural

2.570*

municípios têm projetos voltados para essa população

INDÍGENAS

250.884

é o total de matrículas em terras indígenas



As matrículas em áreas indígenas estão espalhadas por todo o território nacional

São 420

municípios com matrículas em terras indígenas

279*

municípios têm projetos voltados para essa população

QUILOMBOLAS

260.087

é o total de matrículas em áreas remanescentes de quilombos



Os estados da região Nordeste preservam muitas áreas de quilombos

São 657

municípios com matrículas em áreas remanescentes de quilombos

484*

municípios têm projetos voltados para essa população

Eu refletia, naquela ocasião [1987, nos encontros preparatórios para a Assembleia Nacional Constituinte]²⁰, um contexto de disputa muito acirrada no Brasil, em que nós estávamos elaborando o capítulo dos índios na Constituição brasileira. [...] nossa Constituição diz que o Estado brasileiro deve respeitar a integridade dessas populações tribais, dos povos originários, e promover condições para que esses povos possam seguir sua vida. Foi um debate muito violento, àquela época, que chegou a mobilizar campanhas, dentro e fora do Brasil, muito parecidas com esse contexto que vivemos hoje, de violência verbal e de acusações sobre os povos indígenas atrapalharem o progresso. Então eu me insurji contra essa narrativa extremamente violenta e negacionista e procurei afirmar a pluralidade de povos que, por suas origens, acreditam mesmo na vida, são imbatíveis nessa esperança, porque estão sempre sobrevivendo a ataques com uma disposição de viver, no sentido amplo da palavra. Foi um choque, naquela época, assistir a tanta violência que já expressava esse racismo incontido e que as pessoas despistavam, mas que é uma coisa genocida. O racismo tem uma característica de negar o outro, e isso me deixou muito marcado naquele episódio da Constituinte de 1988. Eu continuo acreditando que **nós temos de superar esse racismo estrutural**, no caso brasileiro, **pois ele é a base de uma grande parte das injustiças sociais** de que nós reclamamos, mas não sabemos desmontar.

20. Ver: <https://www.youtube.com/watch?v=TYICwI6HAKQ&t=334s> e <https://www.youtube.com/watch?v=BtpbCuPKTq4..>

[...]
Talvez essa minha observação sobre humanidade venha da cosmovisão de diferentes povos com quem eu compartilho o entendimento da vida e de habitarmos um mesmo planeta. Essa riqueza das cosmovisões indígenas nativas admite desde a gênese, desde a nossa origem essa pluralidade. **As narrativas indígenas não são excludentes; elas concebem constelações de identidades, de povos e culturas como uma potência em si**; é a vida, é uma diversidade da vida. Então eu acho que a disposição de perceber mundos plurais está mesmo na origem do nosso pensamento, está na base da nossa herança ancestral, da nossa herança cultural. A surpresa é quando a gente encontra uma cultura monolítica e uma narrativa única que excluem as outras. É isso que deixa a maioria das pessoas indígenas, por sua experiência de sujeitos coletivos, chocada com a centralidade do discurso ocidental, que acha que existe uma humanidade e que essa humanidade é muito mais uma coesão de ideias do que uma pluralidade de potências.

[...]
Não é uma exclusividade da gente a ideia de humanidade. **Uma constelação de outros seres também se percebe como uma vasta humanidade, então precisaríamos entender que todos os seres vivos do planeta constituiriam essas diferentes perspectivas de humanidade**. Eu disse que o Rio Watu²¹ é nosso avô; ora, se ele pode ser nosso avô é porque, nessa perspectiva de humanidade vasta, ele deve ter algum sentido nas nossas relações, a gente pode conversar com ele e

21. O rio Watu é o rio Doce, que sofreu a tragédia do rompimento da barragem de rejeitos da mineradora Samarco, em Mariana, Minas Gerais. Suas águas estão contaminadas pela lama, que provocou a morte de animais e “cimentou” o leito do Rio com os resíduos tóxicos.

com a montanha. Essas narrativas sobre as diversas humanidades preexistentes e existentes estão também em outras culturas, não é só aqui na América; elas aparecem na África, na Ásia, vários povos do mundo de diferentes períodos tinham essa compreensão. A modernidade é que chapou tudo e convocou para uma exclusividade essa ideia de uma humanidade coesa, de uma humanidade autorreferenciada que não consegue reconhecer mais nada. [É] por isso que, no livro²², eu faço referência a um pequeno clube da humanidade que exclui até mesmo pessoas que têm muitas semelhanças com essa humanidade, [mas que formam] uma sub-humanidade – são 70%, 80% [dos habitantes] do planeta que não têm acesso [nem] direito a nada e que estão aí para serem descartados. Provavelmente a ideia de uma plataforma em Marte, com 100 mil ou 1 milhão de pessoas, seja o resumo dessa narrativa de exclusão: os outros podem morrer.

[...]

O que a gente deveria fazer é viver cada dia. [...] Quando queremos saber quando vai ser a Educação do futuro, já estamos sendo negacionistas: estamos negando o dia de hoje e querendo saber como será o dia de amanhã. Tem um livro meu que se chama *O amanhã não está à venda*²³. O que estou querendo [dizer] é que **deveríamos ser capazes de viver o dia de hoje da maneira mais verdadeira possível, da maneira mais intensa, mais cheia de sentido para nós e para quem está ao nosso redor**. Amanhã nós vamos descobrir o que a gente vai fazer. Tem uma ansiedade muito grande em todos os campos: os arquitetos querem saber como vai

22. KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

23. KRENAK, Ailton. *O amanhã não está à venda*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

ser a cidade depois da pandemia, os engenheiros querem saber como vai ser a engenharia, os educadores querem saber sobre a Educação. Na verdade, isso denuncia uma ansiedade tão grande que a gente já está querendo escapar do dia de amanhã. E não tem muita diferença do cara que quer escapar do planeta Terra e ir para Marte. Na verdade, nós estamos querendo escapar do lugar em que estamos por uma verdadeira insatisfação com a vida.



Ailton Krenak, líder indígena, ambientalista e escritor.

Cultura digital e tecnologia



Há certo preconceito em relação aos canais digitais, e não falo nem do *online*, falo de cultura digital. [...] Minha preocupação é quando somos muito dogmáticos. [...] Vi muita gente dizendo “não, é impossível”, mas acho que, assim como temos Emilia Ferrero¹ e Jean Piaget², há toda uma estrutura de pesquisa em torno do uso dos meios digitais e de diferentes meios de aprendizado que faz com que a gente não possa fechar a porta para as possibilidades. O que não dá é essa EAD rasteira, que quer resolver os problemas da noite para o dia ou que quer lucrar com isso.



Miguel Thompson em “É possível uma Educação Infantil a distância?”, com André Lázaro, Beatriz Cardoso e Rogério Moraes, 8 de maio de 2020.



Pesquisa e mediação

Não tem como ficar de olhos vendados e fingir que não tem tecnologia no mundo. Essa é a sociedade contemporânea, essa é uma ferramenta fundamental [...], a atitude corporal das pessoas já está misturada com o dispositivo em si. Não tem escapatória. Temos que fazer várias coisas, e a primeira é pensar como [a tecnologia] pode ser útil na Educação. Não é aleatoriamente, precisa de estudo. **É preciso entender, cognitivamente, o que [a tecnologia] favorece e o que desfavorece.** Recentemente, a Ana Teberosky³, minha mestra, publicou um artigo no *Estadão*⁴ em que ela mostra que certos conteúdos são opacos, não adianta uma instrução direta; precisam de uma mediação, porque [a Educação] é uma prática social. Como é que a gente vai entender, especialmente para os pequeninhos, quais são as coisas que eles podem fazer diretamente e quais não? Na sua maioria, **as atividades em que a gente pode usar a tecnologia em relação às crianças pequenas têm que passar pela mediação do adulto**, porque é muito mais produtivo.



Beatriz Cardoso, doutora em Educação e presidente do Laboratório de Educação.

1. MELLO, Márcia Cristina de Oliveira. Emilia Ferreiro (1935-) e a psicogênese da língua escrita. In: MORTATTI, Maria do Rosário L. et al. (org.). *Sujeitos da história do ensino de leitura e escrita no Brasil*. São Paulo: Editora Unesp, 2015. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/3nj6y/pdf/mortatti-9788568334362-15.pdf>.
2. Ver: http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=205232.
3. Ver: <http://cadernos.cenpec.org.br/cadernos/index.php/cadernos/article/view/296>.
4. Disponível (somente para assinantes) em: <https://opinio.estadao.com.br/noticias/espaco-aberto,ensinar-e-aprender-com-distancia-social,70003287836>.

[...] Vou mostrar a vocês uma sequência de fotos de um fotógrafo chamado Eric Pickersgill⁵, nas quais ele apaga os aparelhos digitais das mãos das pessoas, e vemos dois paradoxos: uma incrível situação de solidão quando as pessoas mergulham nos seus aparelhos, e as crianças acessando [celulares]. É comum vermos em restaurantes situações como essas – hoje menos porque estamos em quarentena. [...] A cultura digital é predominante e acessa as crianças. [...] Minha provocação é esta: acredito, sinceramente, que pesquisas da Educação Infantil, alfabetização e infância para o mundo *online* podem ser mais uma das ferramentas. Não resolvem o problema, mas dão um apoio ao mundo da Educação Infantil e ao mundo da Educação. Não seria a EAD⁶ que tem aí, mas o desenvolvimento de uma linguagem apropriada e com o apoio aos professores ao processo de ensino e aprendizado.



Miguel Thompson em “É possível uma Educação Infantil a distância?”, com André Lázaro, Beatriz Cardoso e Rogério Morais, 8 de maio de 2020.

No caso da Educação Infantil, [...] finalizamos um currículo novo que dialoga com as questões de tecnologia na escola, com **a questão da presença e da importância da família** com a alfabetização 360°. É uma alfabetização que desenvolve a leitura e a escrita, mas também as competências socioemocionais, as habilidades da afetividade, do respeito, da tolerância desde muito cedo [...]. Esse currículo vai retroalimentar a

5. Ver: <https://www.ericpickersgill.com>.

6. Educação a distância.

formação continuada, a avaliação externa do município e a produção de novos materiais didáticos no âmbito da Educação Infantil, até para que Sobral [CE] continue quebrando um paradigma que ainda temos no Brasil de que a condição econômica e social da criança vai delimitar a sua aprendizagem ou o seu desenvolvimento cognitivo. Isso não é verdade.



Herbert Lima, secretário de Educação de Sobral (CE).

Nova linguagem...

Acho que se a gente for – e deve – incorporar a tecnologia entendida em um sentido amplo, **a definição “para que usar a tecnologia?” tem que vir da pedagogia** e dos estudos sobre o potencial que isso tem no desenvolvimento, no ensino e na aprendizagem.



Beatriz Cardoso



A tecnologia e as transformações da Educação.

<https://www.fundacaosantillana.org.br/publicacao/a-tecnologia-e-as-transformacoes-da-educacao>.

Entendo que é necessário desenvolver uma linguagem. Como o cinema saiu do teatro, como a fotografia saiu da pintura, **a Educação tem que desenvolver um modelo que saia da exposição oral e dos modelos passivos para os modelos ativos, que envolvam também a cultura digital.** Isso requer dinheiro, tempo, pesquisadores, num momento em que há uma perseguição a pesquisadores de humanas. Não há pesquisas em humanas, o CNPq⁷, a Capes⁸ não estão financiando mais as pesquisas na comunicação.



Miguel Thompson, com André Lázaro, Beatriz Cardoso e Rogério Morais.

Apesar de os meus projetos sempre terem algo tecnológico, trabalhar com mídias tecnológicas – a quinta competência da BNCC⁹ ensina cultura digital – é muito diferente [no isolamento durante a pandemia], porque agora eu tenho que passar um conteúdo X em 50 minutos na tela e [isso] não funciona. Eu tive que me adaptar. **Não adiantava digitalizar a aula que eu dava na sala presencial.** Não funciona da mesma maneira, até porque a gente tem que lembrar que o aluno virtual é muito diferente do aluno presencial. Isso eu descobri aos trancos e barrancos. Primeiro, ele está em um ambiente que não favorece a aprendizagem. Geralmente aqui são casas pequenas, [famílias] muito numerosas, não tem um ambiente, um horário fixo para que esse aluno

7. Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, agência do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovações.

8. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, fundação do Ministério da Educação.

9. Base Nacional Comum Curricular.

possa se concentrar, e isso interfere diretamente. O que a gente fez? **A escola fez um diagnóstico para entender quem é o aluno virtual.** Nós já tínhamos os grupos do WhatsApp de cada turma e, através do Google Forms, enviamos [uma pesquisa] para entender qual o melhor horário, qual canal funcionava, se havia apoio em casa, se tinha rede de internet disponível. **Depois desse levantamento nos preparamos para atingir esse aluno com os conteúdos que têm que ser dados.**



Jayse Ferreira, arte-educador especializado em psicopedagogia em Pedras de Fogo (PB), duas vezes vencedor do Prêmio Professores do Brasil e escolhido como um dos 50 melhores professores do mundo pelo Global Teacher Prize.

Eu acho que essa EAD não precisa ser aquele ambiente virtual duro; tem que ser um jogo, ter uma narrativa, ter estágios. O estudante tem que estar jogando e pensando que está jogando, e aprendendo sem perceber. A gente tem uma experiência muito boa aqui em Recife com a Joy Street¹⁰, com o Luciano [Meira]. [...] Na pré-pandemia já estávamos vendo os estudantes participando, jogando fora do horário de aula. **Para mim, essa é a EAD de sucesso: o estudante se engaja naturalmente.** Isso, de certa forma, também pode ser adaptado para a realidade da Educação Infantil.



Rogério Morais, secretário-executivo para a Primeira Infância do Recife (PE).

10. Ver: <http://www.joystreet.com.br>.

... para todos...

A gente viu ali uma **oportunidade de aprendizado, de reflexão e de desenvolvimento, de habilidades e competências novas para todos nós, gestores, coordenadores, diretores, professores**. Estamos no quinto curso de formação continuada para os nossos professores. São cursos em nível de aperfeiçoamento em que as aulas foram, inicialmente, em plataformas, mas hoje são ao vivo, gratuitas, e nós abrimos não só para educadores de Sobral, mas para educadores de todo o Ceará e também de todo o Brasil, trazendo doutores, mestres, especialistas, pesquisadores na área do uso de tecnologias na Educação, sobre ensino híbrido, sobre questões acadêmicas e também experiências práticas da Educação Básica, e implementamos no nosso município um ensino remoto emergencial livre, em que a gente desenvolve atividades no WhatsApp, no Google Sala de Aula, no Google Meet, no Zoom e no Skype.



Herbert Lima

Nós temos responsabilidade, principalmente os gestores [...]. Não se pode cair na febre da facilidade que a tecnologia vende sem entender que tem uma parte da população que está alienada disso. Isso significa, quando você pergunta sobre [a Educação no] campo, como é que a gente vai equacionar? Não tem outra resposta a não ser investimento. Se for para ser usado como um recurso que vai ser parte intrínseca do processo educacional, seja ele através dos adultos ou, no caso do Ensino Fundamental 2 e Ensino Médio, direto para o aluno, é preciso um grande investimento. A gente está

gastando, agora, bilhões para socorrer coisas, então teríamos que pensar o que é estruturante do processo educacional. E, se formos lançar mão disso, **precisamos estudar e pensar como, quais são as limitações e o potencial dessa ferramenta, mas [...] garantir que todo mundo tenha acesso**, senão vamos expandir, [como] já estamos expandindo, a desigualdade¹¹ de uma maneira bastante injusta.



Beatriz Cardoso

Quando a gente pensa nos meninos da periferia, a gente lembra dos casebres, do espaço onde [os alunos] estão, do ambiente familiar, que muitas vezes não é acolhedor, não é protetor. A violência doméstica foi potencializada¹². **Na verdade, todas as mazelas que a gente enfrenta na periferia são potencializadas num período de pandemia com o isolamento social.**

[...]

A escola construiu um canal no **YouTube** onde os professores estavam ministrando as aulas. As aulas disponibilizadas não eram só *online*, elas podiam ser acessadas depois. Mas a Secretaria de Educação do estado trabalhou muito com a **TV**. As aulas também estavam passando pela televisão. Também o **Whats App** foi muito usado nesse contato com os alunos,

11. Ver: https://www.fcc.org.br/fcc/wp-content/uploads/2021/02/Retratos-da-Educacao-na-Pandemia_digital-_outubro20.pdf.

12. *Atlas da violência 2021*. Ver: <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/publicacoes>.

Ver também: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2018/05/violencia-domestica-covid-19-ed03-v2.pdf>.

porque foram feitos grupos, e também um **material impresso** que era deixado lá na escola para quem quisesse e pudesse ir buscar.



Lilia Melo, professora em Belém (PA), finalista do Global Teacher Prize, vencedora do Prêmio Professores do Brasil e embaixadora da Teach The Future Brasil 2020.

[...] Parecer do Conselho Nacional da Educação [garante] que o ensino híbrido continua o ano inteiro [2020], o próximo ano inteiro [2021]¹³. Se a gente não ocupar [as escolas] com propostas qualificadas de ensino e aprendizagem, esse franqueamento do ensino híbrido pode dar lugar a coisas que a gente sempre temeu, que a Educação a distância viesse a partir de conteúdos distribuídos pela internet, em massa, sem nenhuma reflexão, e que viessem, inclusive, a substituir **o papel fundamental que o professor exerce, que não é de transmitir conteúdo, mas [oferecer] a possibilidade do diálogo, da reflexão e da orientação de processos individuais e coletivos.** Isso só o professor pode fazer, e **a articulação do presencial e do remoto tem que ser a favor disso.**

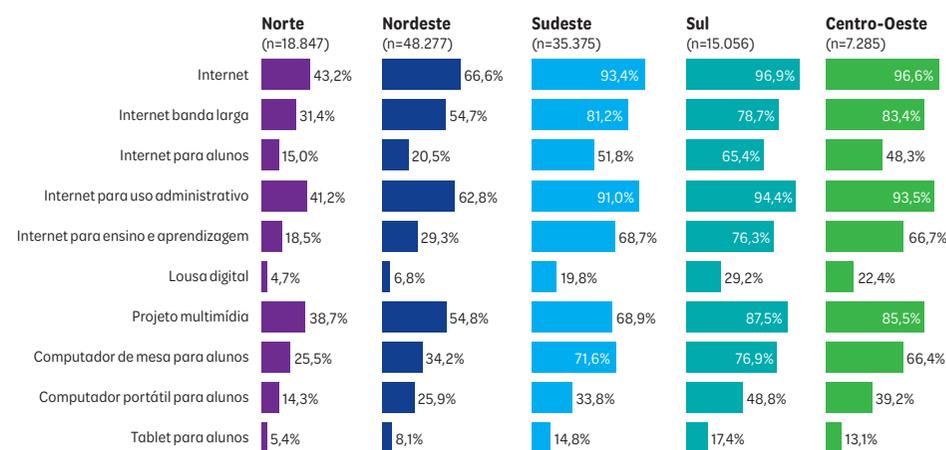


Helena Singer, líder da Estratégia de Juventude América Latina na Ashoka e consultora em projetos de pesquisa e formação em Educação e inovação social.

13. Pareceres CNE/CP nº 5, de 28 de abril de 2020, nº 9, de 8 de junho de 2020, e nº 11, de 7 de julho de 2020.

RECURSOS TECNOLÓGICOS DISPONÍVEIS NAS ESCOLAS DE ENSINO FUNDAMENTAL SEGUNDO AS REGIÕES, EM %

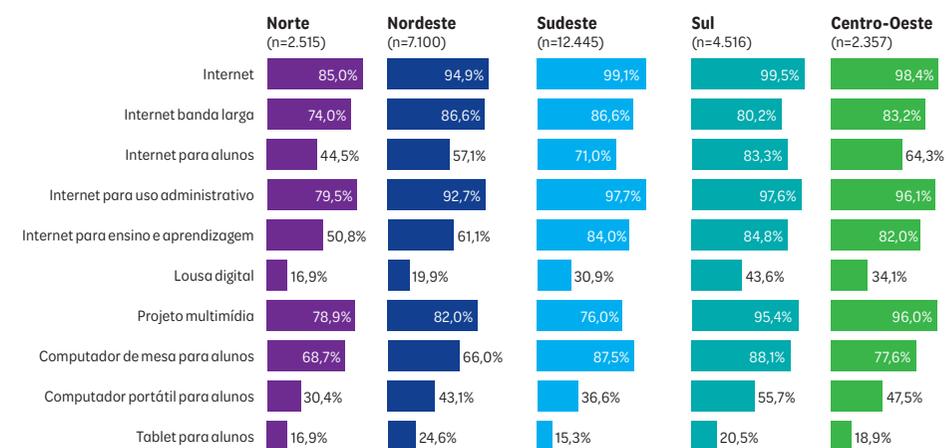
Brasil, 2020



Fonte: Censo Escolar 2020, Inep/MEC.

RECURSOS TECNOLÓGICOS DISPONÍVEIS NAS ESCOLAS DE ENSINO MÉDIO SEGUNDO AS REGIÕES, EM %

Brasil, 2020



Fonte: Censo Escolar 2020, Inep/MEC.

... com todos

Estamos discutindo como as tecnologias a serviço da aprendizagem podem seguir apoiando e encontrando caminhos, mas, na Bahia, temos **os movimentos que são do campo, os movimentos quilombolas, indígenas. [Eles] têm respostas muito consistentes** para o que estamos vivendo. Por exemplo, alguns desses movimentos e municípios criaram um **programa de rádio** interessantíssimo que segue ajudando os estudantes.



Cybele Amado, diretora-geral do Instituto Anísio Teixeira da Secretaria de Educação do Estado da Bahia.

A escola é um espaço coletivo que é capital, porque **eu também observo, estando junto com os meus companheiros em sala de aula, o comportamento do outro, a tipologia, o desenho, como ele aprende, como ele absorve o conhecimento, e isso me ensina muito.** Nós temos que tomar cuidado, porque, se os sistemas de ensino relaxarem e acharem que tudo agora vai por um *e-learning*, por um sistema *online*, vai ocorrer uma grande perda no coletivo. Como, então, a gente vai criar sistemas para que haja encontros de grupos menores, [onde] eu conviva e conheça a diversidade humana? O ensino *online*, tendo em mente a questão do movimento, é interessante, porque você tem duas, três câmeras, você pega no foco a mão quando você quer ensinar um gesto muito preciso, você pega o olhar.



Ivaldo Bertazzo, especialista em educação do corpo, autor e formador de profissionais das áreas de saúde, Educação, arte e esporte.

Como o Ivaldo falou, isso acontece na sala de aula, com a presença do outro. Nós já sabemos na neurociência que não dá para ser só *online* a mediação que o professor faz, porque **o cérebro recebe de modo diferente a percepção de um rosto na tela [e de uma] pessoa na [sua] frente.** [...]



Elvira Souza Lima, pesquisadora na área da neurociência e da cultura aplicadas à Educação.

Na Espanha [...] as TVs educativas, as mídias sociais, as radiodifusoras se juntaram para proteger a infância, proteger a Educação de uma maneira sistêmica. Ao longo do tempo, é possível desenvolver, com pesquisadores, com educadores, com políticos, com agentes de políticas públicas como o Rogério [Morais], com pesquisadores como a Bia [Beatriz Cardoso], **um projeto que envolva a criança dentro de uma estrutura social, que inclua o modelo digital.** Se a gente não tem acesso, possivelmente, a um aparelho celular, a gente tem acesso à televisão e a uma rádio – com os *podcasts* [houve] um reavivamento [dessa] linguagem.



Miguel Thompson, com André Lázaro, Beatriz Cardoso e Rogério Morais.



Sobrevivendo nas redes: guia do cidadão.
<https://www.fundacaosantillana.org.br/publicacao/sobrevivendo-nas-redes-guia-do-cidadao>.

O trabalho do professor



O novo mundo que surge agora tem um fenômeno muito legal: excelentes professores que tinham preconceito no meio digital estão trabalhando 12, 14 horas por dia para gerar conteúdo e para entender toda essa traquitana digital que a gente está vivendo. Passado isso, muita gente vai começar a desenvolver novos métodos. [...] o novo normal seria um professor investigador, que é muito a linha do professor reflexivo, do Donald Schön, ou do professor investigador [...], que sempre tem uma hipótese, desenvolve uma experiência – “Será que é possível fazer isso?”. Todo currículo é uma hipótese a ser testada. Nesse novo normal, nesse mundo que é só crise... porque há a crise sanitária, mas havia a crise econômica, no meio de uma crise política, e vai vir um monte de outras crises, da superbactéria, da questão ambiental, a gente tem que achar o seguinte: o novo normal é a crise, e nessa crise emerge um professor investigador, um professor que não se apega a dogmas, um professor estudioso, que testa em sala de aula, que questiona essa estrutura econômica em que a gente vive [...] Então, o novo normal também é a gente questionar elementos éticos, valor ativo na escola que não seja só uma escola da cognição, mas seja uma escola da integralidade.



Miguel Thompson em “É possível uma Educação Infantil a distância?”, com André Lázaro, Beatriz Cardoso e Rogério Morais, 8 de maio de 2020.



Em especial, o da professora

[...] Esse tempo de pandemia tem exigido muito dos professores. Eu queria chamar atenção para um dado importante: 80% dos mais de 2 milhões de professores da Educação Básica são mulheres. Na cultura brasileira, e de outros países, cabe à mulher a responsabilidade pelo funcionamento do mundo doméstico. **Quando tudo vira doméstico, as mulheres têm uma sobrecarga – essas professoras são também mães, filhas, avós e têm responsabilidades grandes.** Há um esforço muito grande imposto a todos os professores e professoras do país para lidar com a pandemia. [...]



André Lázaro em “Educação na pandemia: voz e ação de professoras e professores”, com Miguel Thompson, Lilia Melo e Jayse Ferreira, 17 de setembro de 2020.

Compreender os indicadores

O Ideb¹ é como um diagnóstico. Por exemplo: se a gente tem febre, isso pode ser um diagnóstico de que a gente tem uma infecção, mas a febre não é a infecção. Na Educação, também é isso: se a gente mede, por exemplo, que as crianças estão lendo, que as crianças sabem matemática e que as crianças estão progredindo, isso não é igual a tudo da qualidade da Educação, mas é

1. Índice de Desenvolvimento da Educação Básica.

um indicador que mostra que a gente está indo por um caminho. Temos que sempre separar isso: **qualquer indicador é um indicador, não é a realidade como um todo**. Cabe a cada rede, a cada escola conhecer o seu contexto e ler os resultados do Ideb, do Saeb², das avaliações, com base, também, em um contexto mais amplo: quem são os alunos que estão naquela escola, o que tem sido feito lá? [É preciso,] também, conseguir esmiuçar isso: dentro de leitura, o que as crianças sabem? De fato, eu acho que **[o Ideb] é um indicador que mede fatores muito importantes, essenciais, inclusive para outras habilidades e competências que são desenvolvidas na escola**.



Isabel Schwartzman, diretora de avaliação da Fundação Santillana.



Educação em movimento: o direito universal, as transformações e possibilidades durante e após a pandemia.

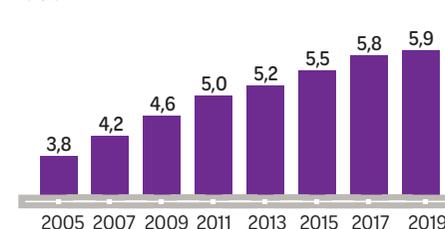
<https://www.fundacaosantillana.org.br/publicacao/educacao-em-movimento>.

ÍNDICE DE DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO BÁSICA (IDEB) – REDE TOTAL

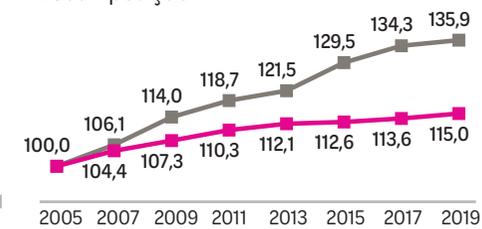
Brasil, 2005-2019

ENSINO FUNDAMENTAL – ANOS INICIAIS

Ideb

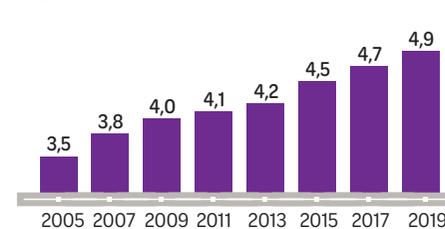


Decomposição

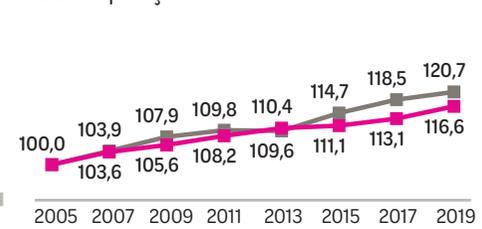


ENSINO FUNDAMENTAL – ANOS FINAIS

Ideb

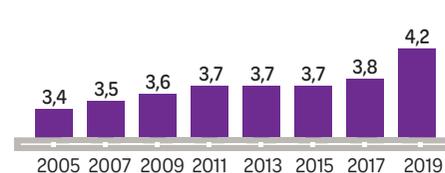


Decomposição

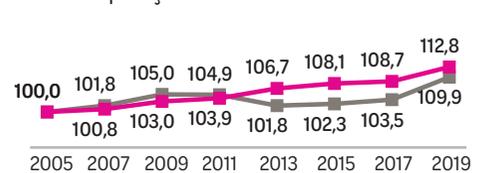


ENSINO MÉDIO

Ideb



Decomposição



■ Desempenho ■ Rendimento

Nota: o Ideb foi criado em 2007 e reúne, em um só indicador, os resultados de dois conceitos igualmente importantes para a qualidade da Educação: o fluxo escolar [rendimento] e as médias de desempenho nas avaliações [desempenho]. O Ideb é calculado a partir dos dados sobre aprovação escolar, obtidos no Censo Escolar, e das médias de desempenho no Sistema de Avaliação da Educação Básica (Saeb). In: <https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/pesquisas-estatisticas-e-indicadores/ideb>.

Falar em qualidade [sempre traz] certa dificuldade. **Qualidade é multidimensional e nenhum indicador consegue pegar todos os itens que a gente possa considerar qualidade da escola.** O Ideb não fala nada, por exemplo, da segurança das crianças na escola, e alguém pode falar que uma escola de qualidade tem que ter segurança. **O Ideb é um indicador que concentra três outros indicadores: o desempenho e o aprendizado dos estudantes em língua portuguesa (leitura basicamente), em matemática e o fluxo, ou seja, a probabilidade que os alunos têm de progredir e não serem retidos na escola [em uma série/ano].** Quando o Ideb surgiu, qual era o objetivo dele? Ele surge para ancorar o sistema de metas. [...] a ideia era fazer um conjunto pequeno, com poucas metas, porque ter muitas [metas] é não ter nenhuma! [...] O primeiro Ideb foi medido em 2005 [e em] 2007 foi o lançamento, para as metas em 2021. **Foram geradas uma meta final e metas intermediárias, metas para o Brasil, para cada estado, para cada escola.** É nesse contexto que surge o Ideb. Ele mede elementos importantes da qualidade da escola, mas nem o Ideb, nem qualquer outro indicador esgotam tudo o que a gente possa chamar de qualidade de uma escola.



Reynaldo Fernandes, professor de economia da Universidade de São Paulo (USP) e ex-diretor do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep).

De forma geral, muitos professores não entendem a relação entre a avaliação, entre dar valor ao conhecimento, e o índice que aparece. Alguns municípios, como Sobral [CE], estão fazendo essa conexão do valor que tem a Educação em si, o aprendizado, com esse valor de que o Reynaldo [Fernandes] falou, que é um parâmetro pra gente melhorar. É preciso criar essa conexão valorativa entre o que estamos medindo e o que, de fato, estamos transformando em termos de habilidade, de criatividade, de **integralidade** do ser, que é o importante. Eu acho que nos últimos anos muitos gestores e muitos educadores sacaram isso. Os educadores têm preconceito em relação aos números, [porém] **se a gente começar a formar um educador que tem uma concepção de índice como uma referência importante, mas [que sabe] que o mais importante é o valor e a transformação das crianças e que esses índices são só para nos ajudar a melhorar, eu acho que vamos conseguir.** Entendo que está acontecendo um movimento que vai levar muitos anos, mas [que é] de conexão entre o índice e o aprendizado lá na ponta, principalmente porque estão surgindo uns gestores bons no terceiro setor e no governo mesmo. [...]



Miguel Thompson em “Ideb: mitos e fatos da Educação brasileira”, com André Lázaro, Isabel Schwartzman e Reynaldo Fernandes, 8 de outubro de 2020.



BNCC: Educação Infantil e Ensino Fundamental – processos e demandas no CNE.
[https://www.fundacaosantillana.org.br/publicacao/bncc-educacao-infantil-e-ensino-fundamental-processos-e-demandas-no-cne.](https://www.fundacaosantillana.org.br/publicacao/bncc-educacao-infantil-e-ensino-fundamental-processos-e-demandas-no-cne)

Nutrir os vínculos

Nosso projeto em Lagoa Santa [MG] teve foco no desenvolvimento profissional das alfabetizadoras, desde a Educação Infantil até o 5º ano do Ensino Fundamental. Dentro dessa convicção, **o fundamental para alguém alfabetizar não é ter um método, é partir da compreensão do processo de aprendizagem da criança e saber orientá-lo.** Eu estou em Lagoa Santa há 12 anos, junto com as professoras, em interação permanente com todos os profissionais da rede, com as secretárias, com os pedagogos, com as professoras de todos os anos, porque o nosso projeto atinge a rede inteira.

[...]

Vou mencionar o trabalho realizado durante a pandemia em Lagoa Santa. **Foi um trabalho que apenas continuou remotamente aquilo que as professoras faziam com as crianças** – naturalmente, com todas as limitações de uma cidade que não tem condições tecnológicas, não tem internet em todas as escolas e em que as crianças são pobres, os pais são pobres e nem todos têm os equipamentos necessários, mas cada professora se encarregou de levar adiante a sua turma.

[...]

É uma situação extremamente difícil, um trabalho exaustivo das professoras para criar e produzir atividades e também orientações para os familiares agirem como professores. É um esforço grande para manter contato com os alunos, para não perder vínculos, porque **um aspecto importante é que a criança não perca o vínculo com o processo de escolarização.**

[...]

Por outro lado, acredito que **os professores que realmente se desenvolveram vão voltar dessa pandemia enriquecidos, com novas experiências**, novas alternativas de ensino, “empoderados” – para usar esse termo que eu acho muito feio, mas que é muito expressivo –, reconhecidos, certamente muito cansados, mas realizados, pois contribuíram para manter o processo de escolarização de alguma forma.



Magda Soares, professora emérita da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

[...] **o momento agora não é de se preocupar, especificamente, com o conteúdo, mas de dar suporte para quando a gente recomeçar** tudo isso, porque perdemos muito em todos os sentidos. Nós tivemos perdas absurdas de pessoas muito importantes dentro da comunidade toda. Não são números. Cada pessoa é um indivíduo que tem todo um círculo social.



Lilia Melo, professora em Belém (PA), finalista do Global Teacher Prize, vencedora do Prêmio Professores do Brasil e embaixadora da Teach The Future Brasil 2020.

[...] Como Lilia [Melo] falou, em vez de a gente focar o conteudismo, eu quero reforçar isso: **foco nas relações**. Então, segura aí, principalmente pensando que **isso tudo vai passar, e essa segurança a gente tem que [transmitir] para os nossos alunos**.



Jayse Ferreira, arte-educador especializado em psicopedagogia em Pedras de Fogo (PB), duas vezes vencedor do Prêmio Professores do Brasil e escolhido como um dos 50 melhores professores do mundo pelo Global Teacher Prize.

Reconhecer a realidade

A escola e os professores também têm que aprender a sistematizar a construção do conhecimento que é feito na realidade – [...] a gente chama de professor reflexivo – e, a partir disso, ir melhorando. Essa nova escola que está sendo produzida tanto pelo Jayse [Ferreira] quanto pela Lilia [Melo] [e] por muitos outros professores vai inspirar as novas reformas curriculares com a BNCC³ e vai aos poucos eliminando essa escola tradicional. Não é ruim ser tradicional, evidentemente, mas tem que trazer uma mistura.

Miguel Thompson em “Educação na pandemia: voz e ação de professoras e professores”, com André Lázaro, Lilia Melo e Jayse Ferreira, 17 de setembro de 2020.

3. Base Nacional Comum Curricular.



A boniteza de um sonho.

<https://www.fundacaosantillana.org.br/publicacao/a-boniteza-de-um-sonho>.

Nós estamos revendo o conteúdo, vendo o que é que funciona de forma remota – **tem assuntos que não dá para ministrar de forma remota, a gente está guardando para a volta**. Eu, especificamente, estou fazendo a “game fica live”. O que é isso? Estou “gameficando” as minhas lives. Estou utilizando os jogos Perfil, Imagem & Ação, tento deixar os conteúdos mais dinâmicos e interessantes, porque, para prender a atenção dos nossos alunos nesse formato, primeiro eu tive que entender o que eles gostam, para planejar as minhas aulas. A gente tem suprido, em parte, a necessidade. Mas uma coisa que “me consola”: como eu e Lilia [Melo] somos embaixadores do Global Teacher Prize, temos encontros quinzenais com professores do mundo todo, e a gente os ouve dizendo que esse mesmo problema que está tendo aqui no interior de Pernambuco está tendo na Jordânia, no Japão. Então, **professor, não se desespere**, não é culpa tua. **A gente vai fazer o nosso melhor com as condições que nós temos**. Infelizmente, haverá uma lacuna mesmo, mas é melhor que haja essa lacuna e a gente recupere depois. Ainda há uma saída. Calma que isso está passando.



Jayse Ferreira

Eu também acredito que os professores e as professoras nunca trabalharam tanto. Está sendo um absurdo essa carga horária de trabalho, esse trabalho remoto. As professoras estão em estado depressivo, não dormem direito, acordam sobressaltadas, fazem almoço, mexem a panela, e correm para finalizar uma aula. É uma coisa absurda. E ainda tem os filhos. Eu acho que os professores estão de parabéns, e quem tem a oportunidade de conhecer professores de outros países percebe o quanto nós somos guerreiros e guerreiras, porque a gente faz sem investimento. E, pior, sem valorização. **A gente precisa ser mais valorizado [...].**



Lilia Melo

Adaptar o currículo

A primeira dica que dou é: sinta o ambiente em que você está pisando, conheça a comunidade. Miguel [Thompson] falou muito bem: a BNCC é uma base, porém essa base está ainda um pouco distante. [...] apesar de ela dar um norte para todo mundo, ela não é currículo, é caminho. Mas [a BNCC] não vai funcionar perfeitamente em todo ambiente. [...] Por exemplo: na comunidade canavieira, no interior de Pernambuco, onde eu vivo, na zona limítrofe, onde tem tráfico de drogas, a violência é alta; [é preciso] entender que aquelas competências e habilidades têm que fazer sentido para o que eu vou ensinar. A primeira coisa que fiz foi ouvir meu aluno e entender qual era seu contexto, porque as escolas, por exemplo, da periferia, funcionam de uma maneira totalmente diferente das escolas que estão nos grandes centros. Não

adianta eu falar de uma cultura de outro país sem primeiro me ater à base da minha sociedade. Eu acho que são degraus. [Temos que ter] coragem pedagógica: o que eu ia ensinar para aquela turma não tinha nada a ver com o projeto que realizei. Enquanto educador, tive que pensar: “Ou vou ensinar aquilo que a grade curricular me obriga, ou vou ensinar aquilo que o aluno está precisando aprender”. **Ter esse jogo de cintura entre o que tem que ser dado e o que precisa ser dado é o professor na sala de aula que vai sentir.** Quando eu vi a angústia dos meninos por não se reconhecerem, por não se gostarem, [entendi que] não adiantava eu falar de arte egípcia, de arte grega para um aluno que está preocupado com o fio do cabelo, com ser narigudo, ser testudo, como eles diziam. Tive que, primeiro, sanar esses problemas, porque **a gente não ensina aluno, a gente ensina pessoas, e pessoas têm angústias, têm problemas.**



Jayse Ferreira

[...] Não existem respostas se não estivermos com os professores, com os estudantes e com as famílias ou aqueles que são responsáveis pelas famílias – muitos dos nossos jovens da escola pública baiana não necessariamente moram com o pai ou com a mãe. Então, estar junto encontrando caminhos e respostas não é algo que a gente pode perder de vista, até porque todos nós, educadores e gestores, podemos, sabemos como ajudar a organizar isso. Como diria André [Lázaro], [temos que] criar estabilidade a partir do que a gente vê, do que a gente constrói conjuntamente, mas, no caminho que é novo, **esses possíveis desenhos são muitos e serão muitos.**



Cybele Amado, diretora-geral do Instituto Anísio Teixeira da Secretaria de Educação do Estado da Bahia.

Entender a juventude



Desafios reais do cotidiano escolar brasileiro.

<https://www.fundacaosantillana.org.br/publicacao/desafios-reais-do-cotidiano-escolar-brasileiro>.

Eu fiz há pouco tempo uma *live* com jovens de escola classe média alta, rica, e com jovens de escola estadual, pobre, e há uma **diferença** muito grande. São muitas juventudes que a gente tem – mesmo na periferia há muitas tribos diferentes –, mas tem uma questão mais ou menos comum que tem aparecido. Eu atuo muito mais no Ensino Médio, e a gente está vendo uma tristeza, uma certa descrença dos jovens. A fala do Felipe Neto no *Roda Viva*, da TV Cultura⁴, foi maravilhosa nesse sentido. Eu vi dezenas de pais contando no Twitter ou amigos falando: “Meu filho assistiu junto, curtiu”. Foi uma fala muito positiva. Eu acho que **conhecer melhor a cultura infantojuvenil é fundamental; sinto que a escola está apartada dessa cultura**. Quando fui diretor do Instituto Singularidades, eu levei os professores todos para conhecer a Comic Con⁵, que é um evento de cultura *pop*. Eles ficaram espantados [ao perceber] o quanto não conheciam a cultura infantojuvenil. Então, da mesma forma que

4. Felipe Neto é ator, comediante, escritor e empresário. Seu canal no YouTube tem 37 milhões de seguidores. Entrevista realizada em 18 de maio de 2020, ver: <https://www.youtube.com/watch?v=KQ1CQqNveac>.

5. A Comic Con Experience (CCXP) é um evento brasileiro sobre *games*, quadrinhos, filmes, séries para TV e outras áreas da cultura *pop*.

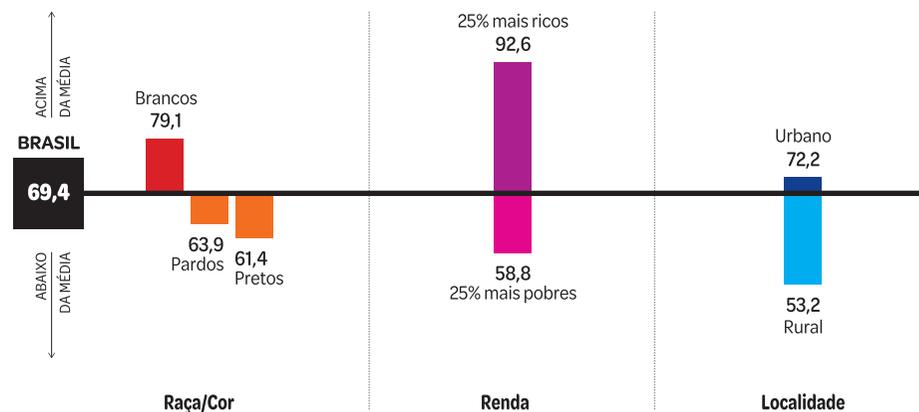
a gente não conhece o corpo do jovem, a gente não conhece o jovem. Eu sempre entendo que não é possível ser construtivista sem conhecer a cultura jovem, porque a gente tem uma visão muito piagetiana de clínica – “Ah, eu conheço você, o teu conhecimento prévio” –, mas acho que a gente tem que conhecer melhor e trazer essa cultura. Quando [a gente faz isso], de alguma forma a gente, e o corpo também, restitui um pouco da felicidade que está faltando na adolescência e que as crianças vão perdendo ao longo do tempo. A partir do 3º ano do Ensino Fundamental 1, [elas] começam a ficar tensas, e não deveria ser assim – a escola culpa muito as pessoas. Acho que a gente tem que ser mais grego nesse sentido, grego da Grécia Antiga.



Miguel Thompson em “Corpo e mente: a formação integral em um mundo virtual”, com André Lázaro, Elvira Souza Lima e Ivaldo Bertazzo, 21 de maio de 2020.

PORCENTAGEM DE JOVENS DE 19 ANOS QUE CONCLUÍRAM O ENSINO MÉDIO*

Brasil, 2020



* A altura das barras representa a distância, em pontos percentuais, em relação ao quadro geral do país. As desigualdades de acesso refletem-se, também, na taxa de conclusão.

Daqui a 14, 15 anos a gente nem sabe se vai ter Enem, nós não sabemos para onde vai esse nosso universo. [Hoje] parece que o que você faz com o corpo não é conhecimento. O Ivaldo [Bertazzo] colocou muito bem: a construção do desenvolvimento intelectual – cognitivo, como a gente chamava – é função do movimento, do corpo. Então como é que nós quebramos um pouco essa dicotomia? Tem que ser pelo conhecimento. Nós **temos que ter, na formação do professor, uma ampliação do conhecimento sobre o desenvolvimento humano**, sobre conhecimento linguístico, sobre o que é alfabetizar.



Elvira Souza Lima, pesquisadora na área da neurociência e da cultura aplicadas à Educação.

Nós desenvolvemos três espetáculos durante três anos [na Maré⁶]. Meu desejo era **entender como a arte-Educação podia colaborar para um jovem ampliar sua concentração, [melhorar] sua higiene pessoal, sua organização postural e sua capacidade de desenvolver um universo interior de raciocínio e de descoberta de uma individualidade**. Ambicioso tudo isso, grandioso. Porém, a chave era a psicomotricidade, a organização de raciocínio defronte o gesto. Foi muito bom na Maré, [porque] eu tinha ajuda do CEASM⁷, um centro importante de alfabetização, de inserção do jovem para entrar em uma universidade, e vieram

6. O Conjunto de Favelas da Maré fica às margens da Baía de Guanabara, entre a Avenida Brasil e a Linha Vermelha. Tem aproximadamente 140 mil moradores, constituindo o maior conjunto de comunidades da cidade do Rio de Janeiro, com 16 favelas. Fonte: <https://www.ceasm.org.br>.

7. Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré.

jovens muito vivos. O desconforto social em um jovem da periferia é maior; ele traz dentro de si uma explosão de desconforto, menos psíquica e mais social. Quando eu trabalhava com jovens de classe média ou média alta, era perceptível um quadro mais interno de problemas familiares e de uma construção de força dentro de uma família que poderia estar cerceando ou permitindo que ele se desenvolvesse. Então eram focos diferentes, porém a dificuldade era a mesma. Desde que eu fui pra Maré, e depois vim pra São Paulo, onde o Sesc São Paulo me abraçou, desenvolvi livros sobre o que eu construí [...]. Surgiu no mercado um profissional que não era muito nítido, o arte-educador, e eu me detive, a partir de então, a ensinar [a esses profissionais] tudo o que desenvolvi na Maré e nos 12 anos com o Sesc. O arte-educador é alguém que trabalha em paralelo com a escola, para diminuir o grau de hiperatividade e desconforto da criança com seu corpo que a impede de sentar, escutar e ver. Se o meu corpo está péssimo, mal organizado, é muito difícil eu parar para escutar. É quase uma meditação eu olhar, escutar, ver, absorver e criar uma imagem interna que o conteúdo me transmite. Então surgiu esse arte-educador, que é onde eu tenho lutado, porque ele não tem recursos. Eu corri atrás de patrocínio, não mais para fazer espetáculos, mas para ensinar o arte-educador, e obtive algumas ajudas. E [os arte-educadores] vêm do Brasil inteiro, porque [são] eles que estão segurando o tranco, porque o professor de ensino formal ensina geografia, português, ele não tem obrigação de cuidar do grau de desconforto físico, da gestão orgânica desse corpo, além de ensinar o conteúdo formal.

[...]

Eu acho que **a relação que o professor tem com o aluno é de cutucá-lo**, é de criar uma relação de confronto. Quando eu ensinava psicomotricidade, era sempre um embate, e [por] isso era muito importante acalmá-lo [para] ele não se sentir agredido. Eu me colocava defronte dos alunos, lá na Maré, e dizia: “Vem aqui, como é que você faz isso? Vem aqui, vem, faz comigo!”, de uma forma agressiva, mas divertida. E ele, quando conseguia [respondia]: “Aé, eu faço isso assim, eu mostro assim, eu faço o gesto assim!”. Quando ele criava esse embate comigo, já estava pronto para o aprendizado. Quando você assusta a criança com a carga do que ela tem que aprender de brincadeira, de embate – “Então vamos ver quem ganha essa parada! Vem aqui comigo” –, no gesto é mais fácil que no intelectual. [...] Isso tudo é capital para o processo de relacionamento. O aluno tem que ter a coragem de ter um embate, não físico, na agressividade, mas na energia que ele explode defronte o professor. E é isso que nós, arte-educadores, estimulamos: uma alegria do embate, onde ele não se sente agredido [diante] da autoridade do professor, mas que ele pode, se é de uma classe social baixa, levar algum conhecimento para a família, porque ele não tem pais em casa que tiveram a oportunidade do estudo. Então ele tem que saber que pode levar um conhecimento para casa e que isso é muito importante. [...]



Ivaldo Bertazzo, especialista em Educação do corpo, autor e formador de profissionais das áreas de saúde, Educação, arte e esporte.



Desafios da profissão docente.

<https://www.fundacaosantillana.org.br/publicacao/desafios-da-profissao-docente/>



Líderes na escola.

<https://www.fundacaosantillana.org.br/publicacao/lideres-na-escola>

Eu queria reforçar o papel do educador brasileiro. Vocês fazem um trabalho maravilhoso. Esqueçam tudo o que estão falando – que você é doutrinador, que você é “sofressor”. Abandonem esse lado. Vocês são grandes guerreiros. Eu não falo super-herói porque é sobre-humano, mas o que vocês estão fazendo... tomando conta de casa, resolvendo isso e aquilo... vocês não deixaram a peteca cair. Vocês não devem em nada de qualidade. É claro que estamos fazendo o melhor com o que nos deram. Acho importante reforçar isso: a Educação só acontece se o professor acredita que é capaz. **Os seus alunos têm você como exemplo.** Vamos lá, não esmoreça agora. **Eles precisam muito desse teu apoio.**



Jayse Ferreira

O trabalho do gestor



[Os resultados do Ideb interferem diretamente] em tudo. Primeiro, [o país] começou a ter uma concepção de gestor [da Educação]. [Depois,] começamos a ter até referências nacionais. O Espírito Santo com administradores maravilhosos, o tempo inteiro as escolas do Ceará dão um salto. E por quê? Por conta do índice. Há um modelo de gestão que vai sendo planejado a médio prazo e que chega lá na ponta, na formação do professor. Há uma transformação radical em torno de muitas coisas. Evidentemente, [tem o] Fundeb, mas o Ideb foi sensacional para formar esse administrador e esse professor lá na ponta.



Miguel Thompson em “Ideb: mitos e fatos da Educação brasileira”, com André Lázaro, Isabel Schwartzman e Reynaldo Fernandes, 8 de outubro de 2020.



O impacto dos indicadores

O Ideb¹ foi, provavelmente, uma das políticas públicas em nível nacional mais importantes que a gente teve, pela mobilização [que provocou] nas redes e nas escolas². O Brasil pôde colocar na ponta, na mão dos gestores educacionais, uma meta, um próximo passo que indica aonde podem chegar. Isso gerou uma mobilização muito grande. **O mais interessante é ver como algumas redes e algumas regiões extrapolaram muito as expectativas**, inclusive algumas muito pobres do país [...], com muita garra, muito trabalho, muita vontade de fazer dar certo. Essa melhoria que foi acontecendo e esses resultados perceptíveis foram sendo divulgados, e **isso gerou uma onda de expectativas mais altas e o entendimento de que é possível chegar lá**. Isso [...] é muito bonito de ver, porque a política educacional se faz de fato no município, na rede estadual, na escola. Mas, pensando em uma política nacional, em um governo federal, o que se pode fazer é de fato apoiar a promoção, o estímulo para que isso aconteça. Tem muito o que fazer, tem muito o que melhorar ainda, mas existem movimentos muito interessantes. Sempre se fala do Ceará, do Piauí, de cidades pequenas com poucos recursos que conseguiram.



Isabel Schwartzman, diretora de avaliação da Fundação Santillana.

1. Índice de Desenvolvimento da Educação Básica.

2. Ver: <https://www.consed.org.br/noticia/bahia-registra-um-dos-maiores-crescimentos-de-oportunidades-educacionais-segundo-o-ioeb>.

Tem de tudo na escola: tem gente que nem se liga no Ideb e tem gente que quer competir. Depende muito do gestor da cidade. Se a cidade tem uma preocupação [com o resultado das avaliações], isso vai caindo na cadeia, chegando aos professores. De forma geral, eu acho que **começa lá no prefeito e influencia os coordenadores, que influenciam os professores**. Muitos professores pegavam um pouco emprestada essa competição do Enem³ para tentar melhorar a Educação via Ideb e se orgulhavam muito desses resultados.



Miguel Thompson em “Ideb: mitos e fatos da Educação brasileira”, com André Lázaro, Isabel Schwartzman e Reynaldo Fernandes, 8 de outubro de 2020.

O papel [do Ideb] é de mobilização. Você solta o desempenho, faz diagnóstico, as pessoas perguntam: “Por que será que nós não estamos indo bem? O que será que está acontecendo?”. Você põe metas, põe desafios e tenta [fazer com] que as escolas e os professores tomem as medidas que, de fato, provocam a melhora do aprendizado. [...] **Lançar metas é mais arte do que ciência. Você tem que fazer uma meta que seja desafiadora [e] que seja factível.** Isso não era fácil de fazer, na época [...]. A gente não podia lançar metas muito fáceis, que todo mundo alcançava, e não podiam ser metas que fossem inalcançáveis. Podia acontecer de as escolas crescerem e [podia acontecer de] não alcançarem a meta, [e o indicador] passar a ser visto como algo ruim e desestimular as pessoas, [com] o risco de até piorar as coisas e gerar desalento: “A gente trabalha, não dá em nada”. Olhando

3. Exame Nacional do Ensino Médio.

de hoje, acho que existiu o risco, a gente sabia, mas foi bem-sucedida a política.



Reynaldo Fernandes, professor de economia da Universidade de São Paulo (USP) e ex-diretor do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep).

Eu quero convidar nossos docentes, nossos pesquisadores, nossos professores, professoras e gestores a não abandonar a ideia de haver indicadores para aprendizagem na Educação brasileira. Não podemos abandonar essa ideia sob pretexto algum, porque, a despeito de haver uma constatação muito forte e pesquisas sobre o transbordamento da desigualdade social para dentro da escola, a escola tem tarefas específicas, próprias, e ela precisa saber o que está fazendo, tanto na sua relação com os estudantes quanto no sistema, porque Educação é um bem comum, não é de uma escola, ela é de uma comunidade. Então, **peço a nossos educadores, nossos pesquisadores e nossos gestores que a gente aprenda com o Ideb** – o que funcionou, o que não funcionou –, mas que não abandonemos a perspectiva de haver uma forma de acompanhar as aprendizagens⁴.

[...]

É como se o Ideb tivesse duas faces: uma para o público, de comunicabilidade mais simples, e outra profundamente técnica. **Se eu abro a Prova Brasil e abro o**

4. Ver: <https://www.gov.br/inep/pt-br/areas-de-atuacao/pesquisas-estatisticas-e-indicadores/ideb/metas> (sobre as metas do Ideb) e <http://ideb.inep.gov.br> (para consultar os resultados de determinada escola ou rede de ensino).

Saeb⁵ para entender acertos e erros de estudantes, tenho um mapa enorme de conhecimento de uma turma. Então, essa comunicabilidade do Ideb, como o Reynaldo [Fernandes] chamou a atenção, parece bastante relevante.



André Lázaro em “Ideb: mitos e fatos da Educação brasileira”, com Miguel Thompson, Isabel Schwartzman e Reynaldo Fernandes, 8 de outubro de 2020.

Tenho participado de algumas discussões sobre a questão de medir a desigualdade, ou a igualdade, ou a equidade. O indicador do fluxo está aí para isso: não adianta as crianças serem reprovadas e a gente só medir aquelas que foram aprovadas. [...] Podemos avançar, também, na medição da equidade dentro do próprio indicador. [...] Falando de mitos, tem um que acho interessante, quando a gente olha para o Saeb, para o Ideb: é o mito de que, se eu ajudar quem já está melhor, vai ser mais fácil. Mas não é bem assim. Na verdade, **quem avança mais é quem está mais atrás. Isso é importante [porque] traz esperança na questão da equidade.** Isso tem que ser mais discutido.



Isabel Schwartzman

A ideia que nós temos de Educação, em grande parte da mídia, é de que ela é muito ruim. Então, quando saem os resultados, é só buscar onde está tudo errado e a

5. Sistema de Avaliação da Educação Básica.

gente vai achar. Na verdade, o Brasil vem melhorando no **Ensino Fundamental** desde 2005; [vinha] crescendo e estava demorando para chegar no Ensino Médio, que no nosso último Ideb teve um crescimento. [...] Evidentemente, podemos chegar à conclusão de que [o avanço] está sendo lento, não é como a gente gostaria, mas não é verdade que não tem crescido. Sempre costumo falar [o seguinte]: quando o PIB⁶ cresce 5%, a imprensa sai falando que foi um crescimento espetacular; ninguém fala: “Nossa, o PIB *per capita* do Brasil continua abaixo do dos Estados Unidos, da Alemanha, da Itália”. Mas, quando saem as notas, por exemplo, do Pisa [da OCDE]⁷, é muito comum a gente escutar isso. Ninguém esperaria que amanhã, na próxima edição do Pisa, nós estivéssemos à frente da Suécia; ninguém espera isso, [portanto] ficar atrás [da Suécia] não devia ser surpresa para ninguém. **Demora para as coisas acontecerem, são lentas, mas elas vêm acontecendo. Se a gente conseguisse aumentar o ritmo da melhora, ficaríamos mais contentes, mas tem uma melhora desde os anos 2000.** [...] É verdade [sobre] o Fundeb⁸, que a gente pode ter muito dinheiro e desperdiçar tudo, mas isso não significa que a gente tem que tirar dinheiro, porque eu não consigo ninguém que fale uma medida para melhorar a Educação que não custe nada. [É] evidente que não é condição suficiente ter recursos, mas não dá para fazer boa escola sem recurso nenhum.



Reynaldo Fernandes

6. Produto Interno Bruto.

7. Programme for International Student Assessment (Programa Internacional de Avaliação de Estudantes), da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE).

8. Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação.

ÍNDICE DE DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO BÁSICA (IDEB) - POR REDES DE ENSINO

Brasil, 2005-2019

ENSINO FUNDAMENTAL - ANOS INICIAIS

	2005	2007	2009	2011	2013	2015	2017	2019
Pública	3,6	4,0	4,4	4,7	4,9	5,3	5,5	5,7
Municipal	3,4	4,0	4,4	4,7	4,9	5,3	5,6	5,7
Estadual	3,9	4,3	4,9	5,1	5,4	5,8	6,0	6,1
Privada	5,9	6,0	6,4	6,5	6,7	6,8	7,1	7,1

ENSINO FUNDAMENTAL - ANOS FINAIS

	2005	2007	2009	2011	2013	2015	2017	2019
Pública	3,2	3,5	3,7	3,9	4,0	4,2	4,4	4,6
Municipal	3,1	3,4	3,6	3,8	3,8	4,1	4,3	4,5
Estadual	3,3	3,6	3,8	3,9	4,0	4,2	4,5	4,7
Privada	5,8	5,8	5,9	6,0	5,9	6,1	6,4	6,4

ENSINO MÉDIO

	2005	2007	2009	2011	2013	2015	2017	2019
Pública	3,1	3,2	3,4	3,4	3,4	3,5	3,5	3,9
Estadual	3,0	3,2	3,4	3,4	3,4	3,5	3,5	3,9
Privada	5,6	5,6	5,6	5,7	5,4	5,3	5,8	6,0

Distância entre redes pública e privada começa a se acentuar ainda mais nos Anos Finais do Ensino Fundamental.

Eu estava lendo um estudo que a OCDE publicou sobre o Pisa na Ibero-América que chama a atenção para o ponto de que o Reynaldo [Fernandes] tratava, que é quando o Brasil entrou no Pisa, em 2000. Os estudantes de 15 anos que participavam do Pisa representavam metade dos jovens da sua geração, pois a outra metade não estava na escola. Agora, nos resultados relativos ao ano de 2013, os estudantes do Brasil que participam do Pisa representam 71% dos jovens de sua faixa etária, mas em 2003 representavam apenas 56%. Isso significa que **houve uma ampla inclusão de estudantes na escola e nas etapas adequadas, sem que os resultados**

tenham caído⁹. Eles não cresceram expressivamente, mas também não caíram. Isso motivou a OCDE a elogiar a política educacional brasileira por ter sido inclusiva, sem perder o nível que havia alcançado, que é um nível baixo, mas que não retrocedeu. Tem aí um problema importante de inclusão para a gente pensar: até que ponto o fluxo responde por inclusão? A segunda questão: o estudo do grande professor Francisco Soares, que também dirigiu o Inep¹⁰, aponta que a desigualdade entre os níveis socioeconômicos mais baixo e mais alto tem crescido de 2005 para cá¹¹. Os níveis socioeconômicos mais altos avançam na aprendizagem, avançam no seu Ideb, e os mais baixos mantêm-se estagnados. Faz sentido pensar num indicador de desigualdade ou de equidade? **Como incorporar em um indicador o fator equidade?** Ele seria um fator de escola? Ele seria um fator de rede? Quando olho a criação do Ideb, vejo que ele focou dois problemas centrais da Educação brasileira: aprendizagem e fluxo – lembrando que em 2005 o Brasil reprovou 29,1% das crianças de 7 anos que pela primeira vez foram à escola, um terço das crianças reprovadas no 1º ano que vão à escola! Portanto, reprovar, como chamou Sérgio Costa Ribeiro no início dos anos 1990¹², era uma pedagogia da repetência do Brasil.

9. "Existem indícios alentadores de mudança na região que não devem ser ignorados. Para começar, a maioria dos países ibero-americanos registram um avanço notável em relação ao número de matrículas escolares, o que resultou em melhoras de até 24% no Brasil, Colômbia e México entre 2003 e 2015. E, mais importante, países como Brasil, Colômbia e Peru têm sido capazes de elevar significativamente a proporção de menores que chegam à Educação secundária, ao mesmo tempo que continuam melhorando os resultados gerais de aprendizagem." OCDE; FUNDACIÓN SANTILLANA. *Competencias en Iberoamérica: análisis de Pisa 2015*. Madrid: Fundación Santillana, 2018. p. 13 (tradução nossa).

10. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira.

11. Caracterização das desigualdades educacionais. 2015. Ver: http://aplicacoes.mds.gov.br/sagi/dicivip_datain/ckfinder/userfiles/files/ApresentacaoMDS%20-%20INEP.pdf

12. RIBEIRO, S. C. A pedagogia da repetência. *Estudos em Avaliação Educacional*, (04) 1991, 73-85. <https://doi.org/10.1590/S0103-40141991000200002>.

Quando o Ideb introduz o fluxo, ele obriga o sistema a enxergar o grau de reprovação e operar sobre o grau de reprovação para melhorar o indicador. Ele consegue fazer isso, e você tem melhoria de fluxo e aprendizagem, mais ou menos se acompanhando. Mas a desigualdade permanece como um fator importante da Educação brasileira. Se conseguimos enxergar o indicador que apontava o problema do fluxo, poderemos ter um indicador que aponte o problema da equidade para os sistemas? Reynaldo, você que é o homem da conta.



André Lázaro, com Miguel Thompson, Isabel Schwartzman e Reynaldo Fernandes.

[...] O Ideb é um índice que foi pensado para existir a partir da unidade escola. [...] A Isabel [Schwartzman] já colocou esse ponto. Na verdade, (...) ele sinaliza, se a melhor forma de aumentar o Ideb é mais fácil [melhorando] os alunos mais baixos, ele não cria distorção [ao se] usar a média [da escola]. Talvez, como medida, tenha desigualdade, mas se eu quero como sinalizador para metas, ele não cria esse problema. Se for mais fácil pôr os [alunos de resultados] mais altos, ele pode ser um problema, ele está incentivando [a desigualdade]. Se ele não cria [desigualdade], eu não mexeria no índice. Se ele cria, eu acho que eu mexeria no índice, a gente tem que mexer.



Reynaldo Fernandes

Quando eu falei que é mais fácil [melhorar o resultado do aluno] de baixo, foi pensando em redes, que a gente vê que as redes [que] começaram mais embaixo e têm crescido mais.



Isabel Schwartzman

Mas [cresce mais fácil] mesmo nos estudantes, porque (...) o Ideb é um índice [que não pode ter] qualquer medida que não caiba na escola, [como] por exemplo, evasão. A não ser que se faça índice só nacional, mas aí ele perde o grande papel dele, que é ter o Ideb da escola [como parte do plano de metas]. Então é esse o ponto. O outro ponto que eu queria [colocar] é a questão de currículo e avaliação. Eu acho que isso deve ser colocado em outro programa, mas tem que ter uma correlação? Tem, mas não é claro qual vem na frente. Por exemplo: o Pisa é uma avaliação que eu acho fantástica e que não é baseada em currículo nenhum – não tem currículo mundial da OCDE para fazer a prova. Então é possível fazer prova sem currículo.



Reynaldo Fernandes

Ela é baseada em um conceito de currículo.



Isabel Schwartzman

[...] Os avaliadores fazem um currículo que eles acham legal, e as escolas avaliam aquilo que eles acham legal, e a gente não sabe se aquilo que eles acham legal é aquilo que é importante para o mundo. O Pisa inverte: “Vamos pegar o que eles precisam, e os currículos que vão atrás”. Mas esse é outro programa. Existe um trabalho sério na Prova Brasil de olhar os currículos existentes nas escolas, quando o Saeb foi feito, lá atrás. Ele teve esse trabalho de olhar as escolas: não tinha o currículo oficial, mas as escolas tinham seu currículo.



Reynaldo Fernandes

Temos que ter esses regimes que são indicadores mínimos necessários para que a gente avance. Sabemos que, quando se avança em texto, se avança em outros aspectos: criatividade, emoção, [habilidades] socio-emocionais. E a escola tem uma questão de abarcar a dimensão humana [que] é gigantesca. **Gosto de acompanhar que no mundo das empresas mais avançadas há um novo tipo de avaliação hoje em dia, do ser humano como um todo, e a sociedade vai acompanhando isso.** [...] Empresas gigantescas [como] Google e Apple já avaliam o ser humano sob outros aspectos, não é só mais física, química ou matemática. A escola vai seguir isso, vai levar 10, 20, 30 anos. **Estão surgindo novos modelos de avaliação que abarcam criatividade, trabalho em grupo, empatia.** A gente tem que ter paciência. Enquanto não conseguimos avançar nessa coisa tão complexa – e que tem que ser sintética –, usamos as referências que temos e que são muito boas. O que a gente tem que fazer é o professor e o gestor entenderem o valor por trás disso e a dimensão maior além dos números.

[...]

Temos que ter um currículo estratégico da nação, que concatena muitas coisas ao mesmo tempo, que gera pessoas para o mercado de trabalho, pessoas para a cidadania, mas não podemos ficar achando que só a escola vai resolver. Quando a gente fala em currículo, acho que **temos que ter um currículo estratégico para a nação, para a transformação da sociedade como um todo.**



Miguel Thompson, com André Lázaro, Isabel Schwartzman e Reynaldo Fernandes.



Desenvolvimento da criatividade e do pensamento crítico dos estudantes.

[https://www.fundacaosantillana.org.br/publicacao/desenvolvimento-da-criatividade-e-do-pensamento-critico-dos-estudantes.](https://www.fundacaosantillana.org.br/publicacao/desenvolvimento-da-criatividade-e-do-pensamento-critico-dos-estudantes)

O impacto do comprometimento

A maioria [dos gestores é de] pessoas comprometidas, [que] se deparam com inúmeros gargalos e restrições legais, jurídicas, administrativas. Isso também, neste momento [da pandemia], pesa, porque, às vezes, o gestor está vendo uma professora nessa condição que foi descrita [de estresse agravado pela jornada tripla de trabalho: aula, tarefas domésticas, auxílio escolar a filhos], [mas] ele tem poucos recursos, porque depende de uma estrutura macro, legal e jurídica, maior do que ele. Neste momento de crise, é preciso, de novo, a tão falada articulação entre os entes federativos, porque,

senão, quem paga o preço? Esses que estão lá na ponta, em situações muito adversas, enfrentando uma desigualdade brutal. Eles têm poucos recursos para poder, com autonomia, dar uma volta no sistema. Estou falando isso porque não podemos entender que o funcionamento [das redes] é igual.



Beatriz Cardoso, doutora em Educação e presidente do Laboratório de Educação.

Temos que ter em mente que **estamos limitados neste momento por muitas coisas que deixamos de fazer antes**. Isso precisa estar na cabeça do gestor educacional, do gestor da escola, do professor que está planejando as ações, até para [manter o] equilíbrio emocional. Tem coisa que realmente não conseguiremos [resolver] agora, e é preciso entender esse contexto na hora de planejar atividades que sejam mais coerentes e aderentes aos distintos contextos. Essa desigualdade acontece na rede pública, mas na rede particular também. Dentro desse digital de que a gente está falando, dentro dessa Educação a distância [EAD] de que a gente está falando, podemos pensar num espectro muito largo de atividades. Quando a gente fala EAD, pensamos logo na EAD tradicional, mas tarefa de casa já é um tipo de atividade a distância, então já tem um pouco de EAD antes. Já tínhamos problemas na Educação pública, temos problemas também nos nossos modelos de EAD, e é isso que **temos a oportunidade de discutir agora**. Em suma, temos que perceber as limitações do momento [no debate sobre] a desigualdade, [pois ele] está fortemente influenciado por essas limitações.



Rogério Morais, secretário-executivo para a Primeira Infância do Recife (PE).



Razões e desafios do gestor da Educação.

<https://www.fundacaosantillana.org.br/publicacao/razoes-e-desafios-do-gestor-da-educacao>.

Eu vi uma declaração do ministro da Educação [Milton Ribeiro] dizendo [mais ou menos] assim: “Sempre foi desigual; agora, vocês não vão esperar que nós vamos corrigir essa desigualdade”¹³. **Mas nós temos que corrigir essa desigualdade**. O que a pandemia mais nos faz aprender é a acentuação da desigualdade neste país. Na Educação, essa situação que nós estamos vivendo mostra claramente a desigualdade deste país. Se todas as crianças brasileiras tivessem Sobral [CE], nós teríamos uma igualdade, mas só as crianças de Sobral têm [escola pública com qualidade], de Lagoa Santa [MG] têm, mas e as muitas outras dos 5.570 municípios? Eu gostaria de me libertar dessa preocupação mais ampla, mas é uma coisa muito interiorizada. Então, para ser sincera, eu não tenho otimismo no momento atual. Dizem que o otimista é um pessimista mal informado; eu agora estou informada, então eu sou pessimista, infelizmente, e é muito triste, é muito angustiante, para mim, essa situação. **De qualquer forma, eu não consigo parar de lutar, de falar, de denunciar, para alguma coisa há de servir**.



Magda Soares, professora emérita da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

13. Disponível (somente para assinantes) em: <https://educacao.estadao.com.br/noticias/geral,voltas-as-aulas-no-pais-e-acesso-a-web-nao-sao-temas-do-mec-diz-ministro,70003450120>.

A Fundação Santillana, numa parceria que muito nos orgulha com a Associação de Jornalistas de Educação, a Jeduca, publicou agora o volume *Educação Infantil e os primeiros anos do Ensino Fundamental: guia de cobertura* para as eleições municipais deste ano [2020]¹⁴. É muito importante a gente ter informação sobre quais são as responsabilidades municipais da Educação, o que esperar de vereadores e prefeitos. [A obra é] fundamental para contribuir com jornalistas de todo o país no monitoramento, acompanhamento e produção de matérias sobre as eleições brasileiras.



André Lázaro em “Ideb: mitos e fatos da Educação brasileira”, com Miguel Thompson, Isabel Schwartzman e Reynaldo Fernandes, 8 de outubro de 2020.

O impacto da formação continuada

Eu costumo dizer que temos feito no Brasil perguntas erradas: “Como é que eu ensino?”, “Que método eu uso?”. **A pergunta certa é: “Como a criança aprende?”**, para que eu oriente esse processo de aprendizagem cognitivo e linguístico. Nós fizemos um projeto que tinha como objetivo elevar a qualidade do ensino e da alfabetização no município de Lagoa Santa [MG], mas por meio do envolvimento profissional das alfabetizadoras.

14. <https://www.fundacaosantillana.org.br/publicacao/educacao-infantil-e-os-primeiros-anos-do-ensino-fundamental-guia-de-cobertura>.

[...]

Lagoa Santa foi e é muito visitada por pessoas de outros municípios, não só de Minas Gerais, mas de vários outros estados. Grupos de professoras e secretários de Educação querem saber o que é que a gente faz. A pergunta, quase permanente, é: “Qual é o método que vocês usam?”; “Quais foram as apostilas que vocês usaram?”; “O que vocês faziam?”. Mas nós não temos isso. Cada professora se apropriou – pelas nossas discussões semanais, seminários etc. – do processo de aprendizagem da criança, e **cada professora construiu suas atividades de acordo com as suas crianças e com os objetivos que elas são capazes de atingir.**

[...]

Então, **eu achei que [tínhamos] o dever de socializar** como é que nós realizamos esse nosso trabalho de alfabetização e letramento que chegava a resultados tão satisfatórios. Assim surgiu o livro que descreve a ação pedagógica desenvolvida lá e o **[nosso] processo de desenvolvimento profissional de professoras de alfabetização e letramento**. Daí o título *Alfaletrar*¹⁵ – alfabetizar e letrar –, que relata o que fazemos com numerosos exemplos de atividades que as professoras realizam, de produção das crianças e relatos das ações das professoras. Estamos oferecendo o nosso processo de orientação de aprendizagem da criança, que pode servir **para outros municípios aperfeiçoarem seus processos** ou para tornar o seu processo diferente.



Magda Soares

15. Ver: <http://alfaetrar.org.br>.

Sobral [CE] tem uma experiência de Educação de política pública de aproximadamente 23 anos. Desde 1997, mudanças e reformas importantes têm sido feitas junto à estrutura de política pública educacional do município. Então, **é uma história que envolveu vários gestores públicos, secretários de Educação, diretores, cooperadores e um conjunto de mudanças e ações que são estruturantes e fundamentais** para esse êxito, não só no campo da alfabetização, mas na política pública educacional como um todo.



Herbert Lima, secretário de Educação de Sobral (CE).



Primeira classe: como construir uma escola de qualidade para o século XXI.

<https://www.fundacaosantillana.org.br/publicacao/primeira-classe-como-construir-uma-escola-de-qualidade-para-o-seculo-xxi>

O impacto da ação em rede

Logo que interrompemos as aulas, iniciamos primeiro um processo de distribuição dos itens da alimentação escolar – a gente sabe que é fundamental e imprescindível garantir o apoio ao lanche e à alimentação das nossas crianças. Até hoje, não interrompemos a entrega desses itens, continuamos colaborando com a alimentação, dando o aporte da merenda escolar¹⁶. Além disso, **iniciamos o processo de formação con-**

16. Ver: <https://www.fnde.gov.br/index.php/programas/pnae/pnae-perguntas-frequentes>.

tinuada de professores sobre ensino remoto, ensino domiciliar, metodologias ativas e ágeis a distância; apresentamos o conceito do que é o ensino a distância, presencial, híbrido, remoto emergencial; iniciamos um trabalho com formação de professores; utilizamos plataformas e ambientes virtuais e uma **parceria importante com as nossas universidades públicas**, como é o caso da Universidade Federal do Ceará, da Universidade do Vale do Acaraú, do Instituto Federal e da Universidade Estadual do Ceará, que foram parceiros nesse momento.

[...]

O momento exige liderança, e liderança dos gestores, liderança dos educadores, liderança dos profissionais que estão à frente de processos de instituições, de instâncias, e essa liderança tem de **estar pautada nas questões técnicas, científicas, de saúde, mas também é preciso ouvir as famílias, os profissionais que estão no chão da sala de aula, os especialistas;** ouvir aqueles que buscaram e encontraram alternativas para **melhorar as suas experiências**, as suas redes de ensino e, a partir de uma grande liderança que não discute ou não traz questões polêmicas, questões ideológicas, que são questões não prioritárias para este momento, a gente tem de elaborar um bom plano, um bom planejamento, olhar para nossa realidade, buscar **extrair o que há de mais valioso, o que há de mais importante e que está dentro das nossas escolas**, em busca de caminhos alternativos. Eu acho que não [podemos] perder a esperança, ter sempre muita fé e muita força é uma característica intrínseca a nós, que somos educadores e professores, ainda mais neste momento de superação.



Herbert Lima

A primeira coisa que fizemos no Instituto Anísio Teixeira, que vem dessa força do movimento social, [...] foi a **escuta coletiva de todos os educadores do estado da Bahia**, entre março e abril de 2019. Fomos aos 27 núcleos territoriais de Educação – a Bahia é dividida em 27 núcleos territoriais de Educação [...]. [É] uma ideia muito interessante, porque **é uma ideia territorial de Educação, que une municípios pela e para a Educação**. E fizemos uma escuta, que eu chamo de escuta escrita, ao lado de todos os educadores e escrevemos, em 2019, **um plano de formação continuada para diretores, coordenadores pedagógicos e equipes dos núcleos territoriais**, com vistas, obviamente, a encontrar melhorias no trabalho da Educação aqui na Bahia. Então, **a influência do movimento social tem, nesse momento, um papel fundamental** – as forças dos movimentos sociais, as forças das organizações ao lado das políticas públicas de Estado. Espero que, algum dia, da união, possamos efetivamente fazer a transformação que almejamos.



Caderno de orientações ao Dirigente Municipal de Educação.

<https://www.fundacaosantillana.org.br/publicacao/caderno-de-orientacoes-ao-dirigente-municipal-de-educacao>.

[...]

Um outro ponto, também inovador para o Brasil, foi que iniciamos, este ano [2020], ao lado da Secretaria de Educação do Estado via Instituto Anísio Teixeira, **a formação continuada de todos os conselheiros municipais de Educação do estado da Bahia**, [...] obviamente fundada num centro de conteúdo que está relacionado com a pandemia, então eles estão também no ambiente virtual, em formação continuada, com a liderança forte da nossa Gilvania [da Conceição Nascimento]¹⁷, que tem trabalhado muito na formação do conselheiro, porque a gente precisa não só dos conselhos municipais, mas de todos que estão vinculados à Educação. Também iniciamos a **formação continuada com os educadores das escolas de tempo integral, que a gente aprende que é integral, integrada e integradora – não é apenas uma questão de tempo na escola**. Como ela [Helena Singer] mesma já disse aqui e [escreveu] no seu artigo¹⁸, essa concepção de escola tem respostas para tudo isso que nós estamos vivendo, então iniciamos a formação continuada com esses educadores que estão vinculados diretamente às escolas que têm a Educação Integral.



Cybele Amado, diretora-geral do Instituto Anísio Teixeira da Secretaria de Educação do Estado da Bahia.

17. Diretora jurídica e de legislação e normas da União Nacional dos Conselhos Municipais de Educação (Uncme).

18. Ver: <https://educacaointegral.org.br/especiais/reviravolta-da-escola/e>
<https://educacaoeterritorio.org.br/artigos/helena-singer-experiencias-em-educacao-integral-inspiram-um-novo-movimento-na-educacao-brasileira>.

O trabalho da família



A sociedade é complexa, mas há todo um movimento [como o da] Ashoka e [do Instituto] Anísio Teixeira [que] é exemplo de trabalho coletivo que faz com que os educadores, os educandos e a família trabalhem em conjunto. É um processo demorado, mas democracia é um trabalho para a vida toda, então estou muito otimista em relação a esses movimentos. A partir daí a gente vai fazer uma escola e uma sociedade cada vez mais bacanas.



Miguel Thompson em “Ocupar as escolas, recriar a Educação: caminhos e desafios atuais”, com André Lázaro, Helena Singer e Cybele Amado, 19 de novembro de 2020.



Por uma formação cultural para os adultos

Como é essa questão da apropriação do sistema de escrita e o que pode ser feito em casa? A criança se forma leitora em casa se ela tiver pessoas que contam histórias e que a fascinem com histórias desde que ela é bebê. O ser humano se desenvolve fazendo memórias. Temos que nos preocupar realmente em formar memórias nessas crianças, [memórias] que possam ser utilizadas para a aprendizagem do conhecimento formal. É muito importante que nós não coloquemos que o conteúdo é “do mal”. Se eu vou aprender a ler e escrever, aprender a sintaxe, tenho que desenvolver o semântico, ter acervos de palavras, saber lidar com essa palavra, que é uma coisa tão importante, com o conceito que está lá, com o que aquilo significa. Por incrível que pareça, essas coisas se desenvolvem quando a criança está brincando – hoje os estudos já mostram que a criança não está nem falando, mas ela está brincando e a área da fala dela [no cérebro] está funcionando. Então **[precisamos] pensar em uma formação cultural para os adultos da comunidade [...]**.



Elvira Souza Lima, pesquisadora na área da neurociência e da cultura aplicadas à Educação.



Por uma política nacional de Educação popular de jovens e adultos.

<https://www.fundacaosantillana.org.br/publicacao/por-uma-politica-nacional-de-educacao-popular-de-jovens-e-adultos>.

Novas aprendizagens

Fomos obrigados a transformar familiares – pai, mãe, tio – em professores que não tinham preparação para isso. Portanto, respondendo à pergunta sobre como tem sido o trabalho na pandemia [...], é um problema extremamente grave e vamos ter que encontrar uma forma de resolver, porque essa pandemia ainda vai longe. Como eu disse, os países que já tinham vencido a primeira onda estão agora enfrentando a segunda, que parece ser mais grave do que a primeira. Portanto, nós teremos muito tempo pela frente de escolas fechadas, a minha hipótese é essa.

[...]

Essa relação dos professores com as crianças e com as famílias é uma vantagem, [...] **a pandemia está tendo o resultado de aproximar as famílias das escolas**, de dar à família uma compreensão mais clara do que é a aprendizagem, do que é a Educação que se dá na escola.



Magda Soares, professora emérita da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).



Diálogo escola-família: parceria para a aprendizagem e o desenvolvimento integral de crianças, adolescentes e jovens.

<https://www.fundacaosantillana.org.br/publicacao/dialogo-escola-familia>.

Não adiantava eu chegar no aluno sem antes chegar no humano que estava ali. [Depois de entender isso] os projetos começaram a nascer. Ouvir a comunidade, entender qual é a necessidade e aí adaptar o conteúdo para essa realidade – foi assim que eu fiz. [Em relação às] famílias, foi o mesmo processo. Primeiro, tudo que é novo assusta um pouco. Quando eu disse que ia sair com os meninos na rua para tirar fotos, viajar para outra cidade, [ouvi] “Mas por quê?” – porque ainda as pessoas achavam que o conhecimento se constrói na sala de aula. [Esse] é um ponto que pode funcionar para ser educativo. Eles aprendem na padaria, embaixo de uma árvore, na praia. **Expandir os ambientes educativos é fundamental, e a família tem que estar ciente disso.**



Jayse Ferreira, arte-educador especializado em psicopedagogia em Pedras de Fogo (PB), duas vezes vencedor do Prêmio Professores do Brasil e escolhido como um dos 50 melhores professores do mundo pelo Global Teacher Prize.

Outra coisa que é importante frisar é que esse projeto não se tornou projeto-piloto da escola. Ele funcionava nos feriados e nos finais de semana. A mãe falava: “Tu não vai para a aula em dias da semana, por que tu vai sábado pra escola? O que está acontecendo nessa escola? O que essa professora tem? O que vocês estão fazendo?”. Eu era muito julgada. **Hoje os pais e as mães vestem a camisa, vão pra rua, fazem verdadeira transformação**, falam o seguinte: “Meu filho pode não ter tirado 10 em matemática, mas hoje ele acorda e quer

viver. Meu filho pode não ter tirado 10 em língua portuguesa, pode não ter tirado 10 em física e química, mas ele não está mais na droga, ele deixou o tráfico, hoje ele canta, ele dança, ele compõe, hoje eu assisto meu filho no YouTube, no palco”. Então, isso muda muito, porque essa mãe diz: “Eu ganhei meu filho”. E a consequência disso é ganhar a nota depois, e talvez ele nem queira a nota, talvez ele queira outras coisas, talvez ele seja de fato um artista nato que não vai lidar com conhecimento acadêmico. Imagina o que é uma professora dizer isso – isso é muito sério, é muito complicado, e a gente tem os nossos conflitos com a equipe pedagógica, com a direção, com a Secretaria de Educação. Mas as premiações e os títulos, de fato, mudam um pouco isso.



Lilia Melo, professora em Belém (PA), finalista do Global Teacher Prize, vencedora do Prêmio Professores do Brasil e embaixadora da Teach The Future Brasil 2020.

Sinto que as famílias estão um pouco fixadas na experiência escolar que tivemos e imaginando que, se não for essa densidade de conteúdos cobrados em uma prova, não é Educação. Acho que **a gente tem que conseguir construir uma ideia de que Educação transcende essa dimensão conteudista e envolve aprendizagens múltiplas e mais ricas.**



André Lázaro em “Ocupar as escolas, recriar a Educação: caminhos e desafios atuais”, com Miguel Thompson, Helena Singer e Cybele Amado, 19 de novembro de 2020.

Mas tudo a seu tempo

[...] Em geral, o Brasil, a meu ver, equivocadamente, está fazendo uma **demanda de que as crianças se alfabetizem aos 5 anos de idade. Acho um exagero que ignora a diversidade das formas de aprender.** [...] Elvira [Souza Lima], você tem produzido materiais e trabalhado muito na questão da alfabetização. O modo como nós, mais velhos, fomos alfabetizados certamente não tem muito a ver com o modo como as crianças estão sendo alfabetizadas. Como você vê esse momento e que sugestões você daria para pais e mães que estão apreensivos com essa etapa tão fundamental da vida?



André Lázaro em “Corpo e mente: a formação integral em um mundo virtual”, com Miguel Thompson, Elvira Souza Lima e Ivaldo Bertazzo, 21 de maio de 2020.

A questão é a seguinte: aprender a ler e escrever é do domínio da cultura. São práticas culturais, nós não temos genética para ler e escrever. Toda criança vai falar uma, duas, três [, quantas] línguas vierem no seu contexto, porque nós já temos esse equipamento pronto. Como é que esses neurônios vão se encaixar [...] já vem definido na espécie; a fala é de base genética, está na biologia da espécie. Ler e escrever surge nessa evolução. É muito recente a invenção da escrita, 5 mil anos mais ou menos, e nós não temos um cérebro que só por interagir com a escrita se apropria dela. O que a neurociência [...] já conseguiu mostrar é que nós precisamos formar uma nova estrutura no cérebro para ler. [...] sabemos hoje que é muito complexo construir essa nova estrutura no cérebro, e há uma diferença entre

leitura e escrita: a escrita é mais complexa porque usa mais áreas [do cérebro] do que a leitura. Então, aí tem a coisa interessante para os pais: essa é uma informação fundamental, porque as áreas que vão contribuir para a formação do ato leitor envolvem áreas que são de música, de movimento, tem a parte linguística – o cérebro trabalha com plasticidade em áreas diferentes. Nossa possibilidade de fazer um trabalho de alfabetização não é pegar um papel e começar a escrever; tem todo um movimento da função simbólica, [e] esse movimento é fundamental não só na parte da construção da parte gráfica, da escrita, mas [também é] tido como sexto sentido. Temos os cinco sentidos externos e temos o movimento: ele cria imagens mentais, ele faz parte da nossa fala interna. Conhecendo esse processo, nós poderíamos estar desenvolvendo várias coisas na criança que são parte de escrever, lá na frente. O cérebro está pronto para escrever com 7 anos de idade, e nós estamos querendo antecipar. “Estar pronto” quer dizer que as trocas entre o hemisfério direito e o esquerdo vão estar ótimas para acontecer e precisam [estar], porque tem área de um lado e área do outro que estão sendo acionadas. **As atividades de cultura, músicas, parlendas, cantigas – tudo que envolve o movimento – estão construindo o ato de escrever.** Então, esse é o momento em que podemos fazer isso. É importante falar sobre a literatura e a poesia; sabemos que a poesia atende melhor as áreas de recompensa do cérebro do que os livros de autoajuda, e a literatura realmente envolve várias áreas do cérebro. Uma coisa fantástica, que o Miguel [Thompson] estava falando, muito importante para a juventude, é que nós vivemos cerebralmente o personagem. **Quando você está parado lendo e o seu personagem levanta para andar, as áreas do seu cérebro que comandam o andar entram em funcionamento.** Quem é do teatro já sabia isso. A neurociência

também está comprovando muitas coisas que os artistas já sabiam e os pedagogos e educadores também. É um outro universo essa conversa. Não há ganhos em a criança começar mais cedo, [isso está] muito pesquisado no mundo todo. Não há ganhos para quem começa com 4 anos, [pois] o cérebro nem está pronto ainda [...].



Elvira Souza Lima

[O gesto é fundamental para a alfabetização.] Fundamentalmente, para o gesto, nós temos que pensar nos sentidos. Eles alimentam o cérebro [em decorrência] de informações que vêm do exterior, de sensações táteis, sonoras, visuais, de mastigação, de deglutição, de respiração – toda essa parte é que forma o gesto, que é muito importante. Acentuando o que a Elvira [Souza Lima] falou: **a gente antecipa muito a escrita, [mas] tem coisas muito importantes a serem desenvolvidas antes.** A palavra, toda a organização fonética é fundamental, porque vibra no cérebro. [...] eu organizo labiais fricativas, todos os fonemas necessários, **à medida que a criança começa a cantar a palavra – ela já cria um imaginário sobre a letra que vai desenhar; em seguida vem a mão, porque a mão é onde se inicia o pensamento no ser humano;** então vem a parte vocal e manual. Eu trabalho com bastões [...] no espaço, [e] isso já constrói uma gestualidade, mas não é o gesto que inicia, o que inicia é a direção. Por exemplo: “Esse bastão está vertical”, “Esse bastão agora está horizontal”, “Esse bastão está oblíquo”, “Esse bastão pode desenhar uma linha circular”. Se a criança constrói essa percepção visual, sonora, fonética, o gesto brota. E isso vem da construção de um imaginário. Nós devemos hoje trabalhar a criança em pé numa sala de aula, com

gestos percussivos, fricções na pele. A pele é importante; ela senta numa cadeira para ser alfabetizada e [nem] sequer estimula o tecido cutâneo, que foi a primeira camada embrionária – a pele se forma no sistema nervoso central. Eu estou falando o padre-nosso ao vigário, porque a Elvira [Souza Lima] está me escutando, mas é o meu trabalho na prática do cotidiano. Então, o que nós fazemos? A gente coloca essa criança em pé, a gente a faz friccionar a pele, percutir, construir ritmos, cantar tudo o que fala – cantar no sentido “Eu, I-valorado, es-tou a-qui sen-ta-do na ca-dei-ra”. Enfim, você vai construindo uma identidade motora, aí desenvolve a cognição, o raciocínio. Isso é muito importante. Aí vem a construção da etapa pré-escrita, que chega, como a Elvira falou, aos 7 anos, [quando] eu já tenho condição. O que é postura? Você dizer para uma criança “Fulano, olha a postura!” não existe. Se eu organizo o campo visual na linha do horizonte – o animal que tem essa abertura para o horizonte é o ser humano –, vou nesse campo visual, organizo o olhar, organizo minha respiração, começo a perceber o que é frente e trás, lado e lado, embaixo e em cima, construo uma identidade postural. Aí vem a capacidade de eu escutar, de eu elaborar um universo interior. **Sem o desenvolvimento psicomotor, o ego se instaura com muito sofrimento no organismo, então nós temos insistido em diferentes fases do desenvolvimento até a puberdade, [em proporcionar à criança] diferentes estímulos para construir a capacidade de aprender.**



Ivaldo Bertazzo, especialista em Educação do corpo, autor e formador de profissionais das áreas de saúde, Educação, arte e esporte.



Sem Educação não haverá futuro.

<https://www.fundacaosantillana.org.br/publicacao/sem-educacao-nao-havera-futuro>.

A pressão em cima da criança muitas vezes gera o medo. A gente quer que ela faça o que não dá para ela fazer, a gente faz aquela pressão porque quer que ela daqui a 15 anos dê conta e [isso] vai mexer com as emoções. Não há coisa pior para um aprendiz do que ter medo, porque no ser humano é a emoção que catalisa – “Vou usar toda a minha energia para resolver aquela situação de medo”, que é o que a gente está vivendo hoje na pandemia. Conheço redes em que eu trabalhei que tinham esse trabalho de envolver os pais, informar mais. **Nós, adultos, precisamos ter esse compromisso com o conhecimento, com a ciência.** Se a família não lê, se a família não conversa, a criança vai formar os comportamentos que [está] vendo, porque somos seres de cultura. A chave começa na questão da postura, do quadro dos sentidos, [sobre os quais] o Ivaldo [Bertazzo] falou.



Elvira Souza Lima

O trabalho da comunidade



Sinto que existe uma movimentação muito grande [da] Undime e [do] Consed, por exemplo. Essa história de menos Brasília e mais Brasil é legal, porque distribui a força das comunidades, [traz] a ideia de território [e] de escola aprendente.



Miguel Thompson em “Ocupar as escolas, recriar a Educação: caminhos e desafios atuais”, com André Lázaro, Helena Singer e Cybele Amado, 19 de novembro de 2020.



O Brasil é o país democrático mais desigual do mundo¹, e é um país continental, [são] mais de 5.500 realidades distintas em mais de 5 mil municípios. [...] Nas questões de desigualdade, a gente está falando também de desigualdade de moradia, de acesso à internet, de escolaridade dos pais, e todos esses fatores influenciam muito o processo de ensino e aprendizagem.



Rogério Moraes, secretário-executivo para a Primeira Infância do Recife (PE).

Nesse período da pandemia, do combate da covid-19, **quem fez a diferença foram os coletivos de bairro**, não foi ação específica de governo, fomos nós mesmos, porque, quando a gente é de periferia – e eu enfatizo muito a periferia nesse sentido, porque é meu lugar de fala –, a gente tem aquele hábito de pedir a xícara com açúcar quando acaba nosso açúcar em casa, a gente fala por cima do muro, por cima do cercado: “Vizinha, por favor”. Isso é uma corrente afetiva, isso é uma corrente colaborativa, e a gente tem muito isso na periferia. Então, foi assim que a gente fez: para sair do mundo da escola, para passar para a comunidade e sair da nossa comunidade para outras comunidades, foi essa ação colaborativa que ativou o senso de pertencimento dessa transformação.



Lilia Melo, professora em Belém (PA), finalista do Global Teacher Prize, vencedora do Prêmio Professores do Brasil e embaixadora da Teach The Future Brasil 2020.

1. Ver: <https://www12.senado.leg.br/noticias/infomaterias/2021/03/recordista-em-desigualdade-pais-estuda-alternativas-para-ajudar-os-mais-pobres> e <https://materiais.oxfam.org.br/o-virus-da-desigualdade>.



O papel da prática na formação inicial de professores.

[https://www.fundacaosantillana.org.br/publicacao/o-papel-da-pratica-na-formacao-inicial-de-professores.](https://www.fundacaosantillana.org.br/publicacao/o-papel-da-pratica-na-formacao-inicial-de-professores)

A nossa formação inicial não nos prepara para isso. Você é preparado na faculdade para ensinar uma turma X, e parece que essa turma é perfeita, que está todo mundo no mesmo nível de conhecimento, que os pais ajudam, que [os alunos] vêm alimentados, que eles não sofrem violência em casa. Isso é uma grande mentira. Quando eu cheguei naquela sala, vi uma diversidade de pessoas, a maioria com uma defasagem gigantesca [que] vinha de casa, vinha do berço. Aquilo me incomodou, porque não adiantava educar o aluno e em casa não haver uma continuidade, ter a noção de que a comunidade é que educa, como Lilia [Melo] falou muito bem. A gente tem muito essa proximidade com a comunidade: chamar o pai não só para reclamar do aluno, mas pensar em como ele pode ser uma ferramenta de ensino e aprendizagem também é fundamental. Essa forma de pensar eu aprendi na sala de aula, não fui preparado para ensinar dessa forma. O dia a dia é que me ensinou que **[trazer] a comunidade para dentro da escola tem muito mais efeito**. É importante, como Lilia reforçou, parar de achar que a escola é um micro-mundo separado do mundo. [...] Quando eu comecei a ouvir os pais, [comecei] a entender qual era o contexto em que os alunos viviam [e] como é que eles poderiam ajudar – por exemplo, quando a mãe vem maquiagem na

escola, ela começa a ver realidades que ela não conhecia [da própria escola]. Então, [precisamos] fazer esses atrativos para que a comunidade, literalmente, vá para a escola e, principalmente, participe da escola. Eu percebia muito que os pais só vinham na hora que a gente chamava para resolver algum problema. Isso começou a [me] dar um choque de realidade, porque **o pai não quer ir para a escola só para ouvir “carão”**, como a gente fala.



Jayse Ferreira, arte-educador especializado em psicopedagogia em Pedras de Fogo (PB), duas vezes vencedor do Prêmio Professores do Brasil e escolhido como um dos 50 melhores professores do mundo pelo Global Teacher Prize.

O projeto [Cine Clube TF]² começa com uma chacina que tira a vida desses jovens, e uma vida envolve várias outras vidas³, envolve a vida daquela pessoa, dos familiares, dos vizinhos, dos conhecidos, da comunidade e da sociedade como um todo. A partir do momento em que você lança estratégias para combater ou para transformar uma realidade que incomoda convidando as pessoas que fazem parte dessa realidade para que possam refletir, **essa ação coletiva e colaborativa constrói um senso de pertencimento**.



Lilia Melo

2. Ver: <https://www.facebook.com/cineclubetf>, https://instagram.com/cineclub_tf?utm_medium=copy_link e <https://youtube.com/channel/UCZwLuj4R8dxwCT6TvtevXNw>.
3. Ver: <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/publicacoes>.

[...] o Brasil não conhece o Brasil. Eu sou muito impressionada com a força dessas pessoas, porque elas vivem situações-limite e mesmo assim se organizam, há cooperação. **É um outro universo, onde a solidariedade e a empatia [...] ainda vicejam.**



Elvira Souza Lima, pesquisadora na área da neurociência e da cultura aplicadas à Educação.

A camisa do projeto, a logomarca que está nela... são os meninos que colocam a serigrafia lá, quem costura são mães que estavam desempregadas – 70% da comunidade da periferia trabalha no comércio, e agora, nesse período da pandemia, essas mulheres costuraram máscaras. A gente tem aqui uma economia criativa e solidária, porque **a gente mostra para o menino da periferia que a arte dele pode gerar um produto que traga renda para sua família.** O menino que antes estava lá, embalando as compras do supermercado, hoje está fazendo um vídeo para divulgar a quitanda da tia Maria da feira, sabe, porque ela tem um perfil no Instagram. Ele está arranjando um troco para ele, e isso é muito importante.



Lilia Melo

[A reviravolta da Educação] é estrutural, portanto **não é uma tarefa que a escola sozinha ou cada comunidade escolar sozinha vai resolver.** É interessante que **vários outros agentes da sociedade têm apoiado, se mobilizado e refletido sobre como podemos reconstruir, reinventar a escola a partir da necessidade de funcionar sobre outras bases** durante e após a pandemia. [Por exemplo:] há uma iniciativa de um grupo de trabalho no Instituto de Arquitetos do Brasil para pensar a escola saudável; a Abrasco⁴ estimulou, junto com a Anped⁵ e com outras entidades da Educação, a criação de um manifesto sobre como articular a saúde e a Educação na reconstrução de uma escola que dialogue, que promove, que se constitui a partir do diálogo intersetorial⁶. Os educadores costumam reclamar de que eles acabam tendo que dar conta de todos os aspectos das necessidades das crianças, dos estudantes, e não é disso que se trata. **Precisamos que os outros equipamentos, serviços e agentes que atendem as mesmas famílias e comunidades dialoguem e se articulem com a escola para que as políticas possam efetivamente chegar a todos os estudantes,** num diálogo intersetorial e interdisciplinar – o olhar da saúde com o olhar da Educação, com o olhar da assistência social – para que a escola enfrente os imensos desafios do presente.



Helena Singer, líder da Estratégia de Juventude América Latina na Ashoka e consultora em projetos de pesquisa e formação em Educação e inovação social.

4. Associação Brasileira de Saúde Coletiva.

5. Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação.

6. Ver: https://www.anped.org.br/sites/default/files/images/manifesto_edu_saude_assist_v0_29_03_21_base.pdf.

Projetos para inspirar



Estamos falando de uma escola que sofre muita influência do René Descartes, que é muito mente. Eu estava pensando no António Damásio, no [livro dele] *O erro de Descartes*, em como a gente vai integrar tudo, o [Lev] Vygotsky na parte da cultura, integrar o corpo, o [Henri] Wallon, o Ivaldo [Bertazzo]. Nós sempre tivemos uma corporeidade muito grande nas nossas tradições indígenas, nessa fusão sincrética com a cultura africana, e a escola, de alguma forma, foi tirando o corpo [...]. A BNCC está trazendo muito a ideia de integralidade – é uma boa discussão, uma boa reflexão para que a escola também passe a considerar a gente, além de cabeça, como corpo, como intuição, como sociedade e como emoção. A fala da Elvira Souza Lima hoje traz muito disso – a ideia de falar do todo. Então eu penso que a gente deve trazer a nossa cultura corpórea, a ginga [sobre a qual] a gente sempre brincou, para todos os aspectos da escola. Não é só trabalhar as artes e a educação física; a ciência também trabalha com a manipulação. [Charles] Darwin sempre discutiu a questão do nosso polegar em oposição e a manipulação como agente fundante da cultura. Então temos que retomar em todos os campos do conhecimento da escola o corpo, a intuição e a natureza.



Miguel Thompson em “Corpo e mente: a formação integral em um mundo virtual”, com André Lázaro, Elvira Souza Lima e Ivaldo Bertazzo, 21 de maio de 2020.

Um currículo emergencial



Empoderar crianças e jovens para a cidadania global.

<https://www.fundacaosantillana.org.br/publicacao/empoderar-criancas-e-jovens-para-a-cidadania-global>.

Em geral, a visão que se oferece da Educação brasileira e da Educação pública brasileira é só de ausências, então é importante que a gente reafirme essas presenças criativas, inovadoras, corajosas, porque não contamos com um sistema que estimule o processo inovador. A Elvira [Souza Lima], no *blog*¹, lançou um desafio que eu acho que é bem oportuno trazer, [que] fala de **um currículo emergencial para a pandemia**². Tenho acompanhado esse debate e estou um pouco apreensivo, porque estou sentindo um debate mais escolar do que educacional, mais preocupado com horas-aula, dias letivos, cumprimento dos currículos, atendimento das habilidades da BNCC³, tarefas para casa do que propriamente em tornar este um momento de aprendizagem, [de enfrentar] o **desafio societário e civilizatório que nós vivemos ao enfrentar esta crise**.



André Lázaro em “Corpo e mente: a formação integral em um mundo virtual”, com Miguel Thompson, Elvira Souza Lima e Ivaldo Bertazzo, 21 de maio de 2020.

1. Ver: <http://elvirasouzalima.blogspot.com>.

2. Ver: <https://www.dialogosviagenspedagogicas.com.br/ebook-curriculo-emergencial-para-a-educacao-durante-e-apos-a-pandemia/>.

3. Base Nacional Comum Curricular.





Educação no século 21.

<https://www.fundacaosantillana.org.br/publicacao/educacao-no-seculo-21>.

O debate não é apenas do ponto de vista pedagógico; é também de um ponto de vista social, de amparar, **apoiar, proteger as crianças e jovens em um momento tão difícil**. No Rio de Janeiro – é importante lembrar isso –, as ações policiais nas favelas matavam gente jovem, inclusive alguns que estavam trabalhando na distribuição de alimentos. Foi preciso uma decisão do Supremo Tribunal Federal impedindo a realização de ações na pandemia, para poupar os nossos jovens. O Brasil conta com 5 milhões de domicílios em aglomerados subnormais, como o IBGE⁴ classifica as favelas, as palafitas, todas as áreas de ocupação do terreno que não são legalizadas e não contam com infraestrutura de saneamento, de mobilidades, de espaços que deem conforto a quem vive ali. No Rio de Janeiro [são] 19,2% dos domicílios, em Salvador são 41,8% e em Belém são 55,5%. Onde estão essas crianças? Onde estão esses jovens? **Que papel pode ter a escola nesse momento tão grave e tão crítico da vida brasileira?** A Educação vai se resignar a ser um ensino por plataforma remota? Temos mais a oferecer?



André Lázaro em “Ocupar as escolas, recriar a Educação: caminhos e desafios atuais”, com Miguel Thompson, Helena Singer e Cybele Amado, 19 de novembro de 2020.

4. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Ver: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=2101717>.

Uma gestão emergencial

Outra frente muito forte que a Bahia decidiu foi **criar o vale-alimentação**: todos os estudantes da rede estadual – são 700 mil e poucos estudantes – receberam um vale, uma contribuição forte, porque nós sabemos, obviamente, das condições sociais do nosso estado e não só dele. Não é um valor imenso, mas ajuda bastante. Liderada pelo nosso secretário, que vai a praticamente todas as nossas quase 2 mil escolas estaduais, tem a reforma desse ambiente [escolar], porque, quando esse ambiente for físico, presencial, ele precisa ter uma reorganização estrutural. A gente tem uma reestrutura desse desenho, algumas coisas que vão desde o número de estudantes na sala [até a] diminuição [da] chegada, da saída.

[...]

Na Bahia, e eu acho que pela primeira vez no Brasil, **unimos todos os educadores das redes municipais do 6º ao 9º ano com os educadores da rede estadual do 6º ao 9º ano e Ensino Médio**. Educadores das redes municipais e estaduais que, historicamente, ficam separados – são redes que mais competem do que colaboram – estão nesse ambiente, tratando obviamente dos temas vinculados ao que aparece nesse ciclo que estamos vivendo da pandemia e das nossas urgências. Acho que esse movimento aqui na Bahia tem dado e dará algumas respostas para o momento que nós estamos vivendo.

[...]

Uma outra perspectiva é com a área de saúde. Nós fizemos uma intersetorialidade intensa com a área de saúde que [leva] consciência, conhecimento, formação e informação, porque o que nós estamos vivendo precisa

também de muita informação, além de formação. Junto à Superintendência de Desenvolvimento de Pessoal, um órgão da Secretaria [de Educação do Estado da Bahia], abriu-se um trabalho belíssimo: uma rede de psicólogos [com] atendimentos 0800, tudo gratuito, obviamente, **para que os professores, os educadores possam também receber acolhimento, porque estamos vivendo muitas questões subjetivas, familiares, pessoais e sociais.**

[...]

A pandemia de fato gera e segue gerando uma força grande para que, no nível de estado, todas as relações intersetoriais aconteçam. Talvez a mais forte de todas, para mim, particularmente, seja a possibilidade de a gente ter o regime de colaboração que acabei de dizer: unir os professores das redes municipais com os professores da rede estadual. Então, essa parceria com a Undime⁵, com a união dos professores e com os prefeitos da Bahia é uma parceria que tem bons resultados. **A colaboração é tudo nesse momento.**



Cybele Amado, diretora-geral do Instituto Anísio Teixeira da Secretaria de Educação do Estado da Bahia.

5. União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação.

Comunidades educativas em ação

O Laboratório de Educação⁶ tem uma grande parceria com o estado do Maranhão: [estamos] produzindo os **conteúdos que serão distribuídos para as famílias do estado inteiro, neste momento de isolamento, para dar referências do que fazer [com as crianças da Educação Infantil]**. Tem uma série de *links* no labedu.org.br ou no nosso aplicativo, que se chama “Aprendendo”. [Reunimos] referências de atividades que podem ser feitas no cotidiano para que as crianças tenham contexto de aprendizagem produtivo, mas [com a mediação] do adulto. Precisamos pensar que as ferramentas, as tecnologias mudam. Agora temos tecnologia digital, mas a lousa era uma tecnologia, o caderno sempre foi uma tecnologia, e a escola vai incorporando.



Beatriz Cardoso, doutora em Educação e presidente do Laboratório de Educação.

[...] O lugar onde eu trabalho é o mesmo onde a escola está situada, o bairro da Terra Firme [Belém, Pará]. Então estou falando de um lugar onde moro e onde presenciei essas [duas] chacinas [em 2015 e 2018]. Depois de eu ter perdido conhecidos, vizinhos e alunos, retornei para a escola com a missão de fazer algo⁷. A

6. Ver: <https://labedu.org.br>.

7. Lilia Melo contextualizou o projeto Cine Clube TF (de Terra Firme) para esta edição: “O projeto intitulado ‘Juventude Preta Periférica – Do Extermínio ao Protagonismo’ começou em 2015. Em 2018 fomos vítimas da segunda grande chacina, e foi então que eu levei 400 jovens para assistir ao filme *Pantera Negra*. Foi a recepção a esse filme que fez com que eles escrevessem documentários acerca da experiência deles com a chacina e [assumissem seu] protagonismo com o audiovisual. O Cine Clube TF é hoje um grande guarda-chuva que agrega vários subprojetos”.

gente começa “linkando” com os coletivos culturais do bairro e reconhecendo quais são os jovens que estão diretamente ligados com as produções culturais. Fui começando a entender que, estruturalmente, existe uma iniciativa de criminalizar a arte da juventude da periferia: o ritmo que eles escutam, a poesia que eles fazem, as músicas que eles compõem e gravam são marginalizadas, criminalizadas. Passei para dentro da sala de aula essas produções culturais, essas produções artísticas. Isso [trouxe] um novo viés, [resultou em] uma nova relação desses meninos com a escola, porque eles perceberam que a escola estava tratando de algo que era do interesse deles. Concomitantemente a esse trabalho, aprendi a escutar as demandas desses jovens e deixei [as iniciativas] nas mãos deles. Conseguimos inaugurar o Cine Clube TF [de Terra Firme] após uma campanha para levar 400 jovens ao cinema para assistir ao filme *Pantera Negra*. Eles tiveram uma relação muito bacana com esse filme e tiveram um *feedback* transformador. Passaram a fazer curtas-metragens, documentários⁸ [e,] a partir do audiovisual, a fazer obras em cima da produção artística deles: grupo de dança fazia clipe, de teatro fazia alguma chamada. Hoje temos um circuito cultural que agrega seis expressões da arte: o teatro, a dança, a poesia preta, a música, a arte visual com o grafite e o audiovisual. Toda essa produção é feita com jovens que coordenam jovens e que levam para a comunidade, em telões, em saraus temáticos, a desconstrução dessa imagem marginalizada dessa arte da juventude. A gente faz a céu aberto, a gente faz apresentação de dança, e agora estamos sendo chamados por outras escolas, até privadas, para fazer intervenção artístico-cultural. Então, **esses**

8. Ver: <https://www.youtube.com/watch?v=x3GwtgQDNiM>.

meninos que antes eram alvo de extermínio depois do projeto passaram a ser sujeitos da arte, de uma arte que fomenta sujeitos artísticos.



Lilia Melo, professora em Belém (PA), finalista do Global Teacher Prize, vencedora do Prêmio Professores do Brasil e embaixadora da Teach The Future Brasil 2020.

Meus alunos do Ensino Médio estavam querendo fazer o Enem⁹ e tinham muita dúvida de como é que eles marcariam a questão sociocultural: se eram brancos, pardos, negros. Aquilo me incomodou muito, porque não é que eles não sabiam como se marcar; eles tinham vergonha, principalmente da raça negra e de algumas [de suas] características, como o cabelo crespo, o nariz mais largo. Os alunos não se gostarem por conta de algumas características físicas me incomodou bastante. Ouvindo deles essas angústias, fizemos um levantamento na escola e descobrimos uma porcentagem muito grande de negros que não se afirmavam ou de outras minorias, como indígenas. **Fizemos um resgate da autoestima com um trabalho de fotografia.** Por ser uma escola pública, sem recursos, a gente foi para a comunidade, e acho que isso é fundamental. **Chamamos fotógrafo da comunidade, maquiadora da comunidade, os próprios pais vinham até a escola, nos ajudavam** a, literalmente, criar esse novo aluno. Por exemplo: alunos que tinham características de um negro africano, a gente fotografava, e descobrimos 20 etnias bem distintas na nossa escola. Junto com a comunidade nós viajamos a cidades no entorno

9. Exame Nacional do Ensino Médio.

da nossa escola onde [houvesse] alguma característica de outros países. Os meninos eram fotografados como personagens desses países, e isso [melhorou] a autoestima deles.

[...]

Eles se orgulhavam do que antes era motivo de *bullying*. A gente teve uma baixa evasão, os alunos permaneceram mais na escola, porque se sentiram acolhidos. Alunos que utilizavam seus colares de umbanda tiveram oportunidades de se sentirem aceitos na escola. Mexer com a autoestima, trabalhar com o humano tem um reflexo direto na aprendizagem. [O jovem] quer estar em uma escola que abraça, ele quer estar em uma escola que respeita. Ganhamos o prêmio de melhor projeto do Ensino Médio do Brasil¹⁰. Em 2017, continuando com essa linha de valorização dos alunos e, principalmente, ouvindo o aluno, surgiu nosso segundo trabalho, agora muito mais ligado ao audiovisual, o projeto “Vamos encurtar essa história”. A ideia era a gente fazer curtas das histórias que os alunos traziam. É muito importante frisar [que] **nosso aluno vem com uma bagagem riquíssima de conhecimentos da sua comunidade e que muitas vezes a escola não abre espaço para isso**. Ao ouvir meu aluno, entender o que é que ele consumia de audiovisual, por exemplo, descobri que Harry Potter e Minecraft eram o que mais fazia sucesso entre a garotada. Por que a escola não está aberta a isso? A gente só fala de clássicos da literatura brasileira que são fundamentais, mas parece que o aluno via o mundo da escola e o mundo dele como coisas separadas, e **a escola é a vida, a escola é o mundo, não há essa separação**. Ouvindo esses meninos, a gente fez releituras,

10. Ver: <http://jayseferreira.com.br/sobre>.

assim como Lilia [Melo]. A minha cidade não tem cinema; conseguimos uma parceria na capital paraibana, João Pessoa, que é mais próxima de onde eu vivo, [e] levamos os alunos às oito horas da manhã, quando o *shopping* estava fechado, para eles terem acesso ao cinema, pagando metade do preço. Eles vieram encantados, produziram seus roteiros, começaram a fazer suas primeiras filmagens. Uma delas, *Harry Potter: o recomeço*, fez um sucesso tremendo, caiu nas redes sociais. O pessoal da página oficial de Harry Potter compartilhou, e acabamos ganhando esse segundo prêmio e a indicação ao Global Teacher Prize. Apesar de serem prêmios, um troféu é [algo que] fica ali, às vezes, empoeirado. A repercussão, **o quanto isso marca a vida desses adolescentes, [isso] é o nosso bem**.



Jayse Ferreira, arte-educador especializado em psicopedagogia em Pedras de Fogo (PB), duas vezes vencedor do Prêmio Professores do Brasil e escolhido como um dos 50 melhores professores do mundo pelo Global Teacher Prize.



Construção coletiva de propostas para o Ensino Médio.

<https://www.fundacaosantillana.org.br/publicacao/construcao-coletiva-de-propostas-para-o-ensino-medio>.

No momento em que eles vão ao cinema, retornam e tentam montar seus roteiros, pedem para a maquiadora do bairro, pedem para a pessoa que vende a bijuteria ali no bairro, eles têm um resultado em cima de um produto final, e a maquiadora está lá, a pessoa que vende a bijuteria também está lá. Como a gente estava tratando da juventude, que é alvo de extermínio em uma comunidade periférica, a gente estava tratando de uma realidade que é representativa de várias periferias, a gente não estava falando só do bairro da Terra Firme. Automaticamente **o bairro vizinho se conectou, o outro lá do outro lado também se conectou**. E eles, como estão falando para eles mesmos, ou seja, são histórias protagonizadas por eles mesmos, são histórias contadas por eles mesmos, a partir do momento em que eles estão fazendo isso, **eles passam a ser reconhecidos** e passam também a dizer: “Eu também vivo isso, eu também faço isso”. Não tem como não contagiar, **não tem como não envolver, não tem como não se contaminar de um espírito de transformação, e é uma transformação para o positivo, ou seja, traz muita esperança**. Porque, quando a gente está num momento caótico, quando a gente está num momento muito doloroso, porque a gente vive um luto, a gente vive uma perda – é igual nesse período pandêmico –, [...] **a gente dá as mãos uns para os outros e a gente costuma dizer: “É nós, por nós”**. A gente passa a perceber a força que o coletivo tem e a acreditar nessa mudança, porque ela é real.



Lilia Melo



Prêmio Gestão Escolar 2020.

<https://www.fundacaosantillana.org.br/publicacao/premio-gestao-escolar-2020>.

Quando a produção dos meninos ficou pronta, a gente colocou no meio da rua. Pedi na prefeitura um carro de som, botei um telão, peguei as cadeiras do refeitório da escola e coloquei, às seis horas da noite, na praça principal aqui da cidade. Aquele pai que estava comprando pão, que estava largando o trabalho começou a sentar e ver o que a escola produzia. Então, [é preciso] sair dessa zona de conforto, parar de achar que a escola está certa e o pai está errado – esse famoso cabo de guerra só dá problema. A gente tem que entender que é uma corda puxando todo mundo para um caminho, e não cada um para um lado. Isso é fundamental.



Jayse Ferreira

Os indicadores mostram que nossos estudantes têm muita dificuldade de aprendizagem, têm um déficit grande. Então, [...] essa concepção de que **quando o aluno está fazendo uma peça de teatro, quando está lendo um livro, quando está olhando para os problemas do seu bairro e pensando uma solução, ele está aprendendo** [...] foi muito importante. Dentro dessa proposta dos laboratórios de aprendizagem, por exemplo, criamos o laboratório de iniciativas sociais e comunitárias. Naquele momento, com todo mundo dentro de casa, [que tipo de ajuda] minha comunidade está precisando? Enquanto estudante, enquanto jovem protagonista que quero ser, o que posso fazer para melhorar a vida da minha comunidade? [Outro exemplo foi] um laboratório de atividades lúdicas. Está todo mundo tenso, com medo, tem gente perdendo emprego, tem gente doente, tem gente morrendo... O que podemos trazer de alegria para esse estudante, e como isso pode ser importante no seu aprendizado? Uma outra atividade superimportante foi um laboratório de comunicação. Como [podíamos nos] apropriar das informações, [...] conscientizar as pessoas? Então, esse fundamento de Educação Integral que vínhamos trabalhando nessas 60 escolas desde 2015, e que agora vem surgindo com tanta força, foi muito importante para o estado de Alagoas. Adotamos um modelo muito barato, porque não tínhamos dinheiro. Lógico que a gente quer investimento, quer recursos, mas o que eu acho mais importante disso tudo é que a gente pensa em soluções focadas nas pessoas.



Laura Souza, professora da Universidade Federal de Alagoas e ex-secretária de Educação do mesmo estado.

As redes que compreenderam que não se tratava de fazer transposição de conteúdo para qualquer que fosse o dispositivo, mas que era hora de pensar qual que era o papel da Educação nesse contexto, essas sim deram saltos muito grandes. [Isso] é muito interessante, porque as apostas da Educação Integral sempre foram essas: [...] de que era fundamental trabalhar em diálogo com as famílias, [...] compreender as condições de vida dos estudantes e os códigos da comunidade, os territórios onde a escola está inserida; criar processos ativos de aprendizagem, de construção de conhecimento. Toda a ideia dos laboratórios de aprendizagem, dos roteiros de aprendizagem, das sequências didáticas contextualizadas, do trabalho por projetos, tudo isso são dispositivos que a gente sempre propôs, porque, Laura [Souza] tem razão: **Educação Integral não é uma modalidade, é um fundamento pedagógico.**



Natasha Costa, diretora-geral da Associação Cidade Escola Aprendiz.

A escola é por excelência o agente ambiental de que a gente precisa, que é capaz de formular, diagnosticar, olhar as potências e os desafios do território. **[Há] imensas inovações que as escolas no campo sempre criam, exatamente porque elas têm essa missão, reconhecem essa potência da escola para transformar a vida das pessoas daquele lugar.** Quando não fazem isso, elas formam os jovens para sair do campo e ir para a cidade viver em condições muito precárias. As escolas que fortalecem a vida no campo, que fortalecem a criação de novas tecnologias que possibilitem às pessoas viver com dignidade, se realizando pessoal e profissionalmente no campo, são as escolas que mais inovam. A gente não precisa ficar olhando para a Europa, para os países do Norte, para procurar inovação na Educação. Não é dali que vem. Dali vem a estrutura, vem o velho formato, vem aquela escola que foi criada ali e trazida para cá. A inovação vem exatamente dessas comunidades, dessas populações que cotidianamente criam formas de enfrentar esses desafios enormes pelos quais a gente está passando. Acho que esse movimento de ocupar as escolas, e a reviravolta da escola, é um movimento de todo mundo, não somente da escola, mas é prioritariamente a partir do que as escolas criam.



Helena Singer, líder da Estratégia de Juventude América Latina na Ashoka e consultora em projetos de pesquisa e formação em Educação e inovação social.

A elite brasileira vai ter que entender que a gente é brasileiro, que a gente vive em um Brasil maravilhoso e que há muitos aspectos que podem entrar na escola de maneira bastante interessante e iluminista. Esse tipo de conhecimento disciplinar a gente vai ter que romper, e vai ter que espalhar a cultura brasileira, a ibero-americana e outras culturas como um todo. O outro aspecto é a questão corpórea, que chegou na Educação Infantil, com os campos de experiência de uma maneira muito bacana, muito bonita. **Na BNCC, o aspecto ligado à Educação Infantil talvez seja o que conseguiu responder melhor às necessidades do mundo contemporâneo.** A própria Educação Infantil traz muito a questão da cultura brasileira em seu cotidiano e, aí sim, também as escolas privadas de elite trabalham nisso. É importante que tentemos identificar elementos que já acontecem no processo cotidiano e elementos que precisam melhorar, e de alguma forma há um movimento de escolas democráticas que usam muito a cultura popular. O Renato Janine [Ribeiro] e a Helena Singer, quando estavam no governo¹¹, fizeram um bom levantamento dessas **escolas democráticas que têm profunda raiz na cultura brasileira.**



Miguel Thompson em “Corpo e mente: a formação integral em um mundo virtual”, com André Lázaro, Elvira Souza Lima e Ivaldo Bertazzo, 21 de maio de 2020.

11. Renato Janine Ribeiro foi ministro da Educação em 2015, e Helena Singer, assessora especial do gabinete do ministro em 2015 e 2016.

Todos os webinários de 2020 e 2021



- 1. Reflexões para um mundo pós-pandemia**
6 de abril de 2020
<http://mod.lk/funda001>
- 2. Ação das redes municipais em defesa do direito à Educação**
17 de abril de 2020
<http://mod.lk/funda002>
- 3. O papel da escola em uma sociedade pós-corona**
22 de abril de 2020
<http://mod.lk/funda03>
- 4. Políticas educacionais pós-pandemia**
28 de abril de 2020
<http://mod.lk/funda04>
- 5. É possível uma Educação Infantil a distância?**
8 de maio de 2020
<http://mod.lk/funda05>
- 6. Redes sociais na pandemia: o que precisamos aprender?**
14 de maio de 2020
<http://mod.lk/funda06>
- 7. Corpo e mente: a formação integral em um mundo virtual**
21 de maio de 2020
<http://mod.lk/funda07>
- 8. Enem e Pisa: avaliações em escala e formação integral**
28 de maio de 2020
<http://mod.lk/funda08>

- 9. Educação e cidadania: BNCC e a formação do pensamento crítico**
2 de junho de 2020
<http://mod.lk/funda09>
- 10. Financiamento da Educação: perdas atuais e o futuro do Fundeb**
4 de junho de 2020
<http://mod.lk/funda10>
- 11. Movimento negro educador**
9 de junho de 2020
<http://mod.lk/funda11>
- 12. Educação, cultura e periferias: agora e no mundo pós-covid**
11 de junho de 2020
<http://mod.lk/funda12>
- 13. Papel dos Conselhos de Educação na implantação da BNCC agora e no pós-pandemia**
16 de junho de 2020
<http://mod.lk/funda13>
- 14. A questão indígena: a Educação em face das ameaças**
18 de junho de 2020
<http://mod.lk/funda14>
- 15. Democracia e escola: múltiplos olhares para a cidadania**
23 de junho de 2020
<http://mod.lk/funda15>
- 16. Ailton Krenak: ideias para adiar o fim do mundo**
25 de junho de 2020
<http://mod.lk/funda16>

- 17. Ciência e Educação: da Terra plana à vacina do corona**
30 de junho de 2020
<http://mod.lk/funda17>
- 18. Por um Ensino Médio transformador: propostas práticas**
2 de julho de 2020
<http://mod.lk/funda18>
- 19. Anuário da Educação 2020: radiografia das desigualdades**
7 de julho de 2020
<http://mod.lk/funda19>
- 20. Anuário da Educação 2020: desafios para estados e municípios**
9 de julho de 2020
<http://mod.lk/funda20>
- 21. Desafios das redes públicas para a volta à escola**
14 de julho de 2020
<http://mod.lk/funda21>
- 22. Desafios das redes privadas para a volta à escola**
16 de julho de 2020
<http://mod.lk/funda22>
- 23. Aprendendo na pandemia: a voz dos estudantes**
21 de julho de 2020
<http://mod.lk/funda23>
- 24. Lançamento do livro *Educação inclusiva da prática***
23 de julho de 2020
<http://mod.lk/funda24>

25. Educação de Jovens e Adultos: desafios e esperanças

28 de julho de 2020

<http://mod.lk/funda25>

26. Ações sanitárias e convivência: condições para o retorno escolar

30 de julho de 2020

<http://mod.lk/funda26>

27. Juventude e ação política: a força das mobilizações na Educação

4 de agosto de 2020

<http://mod.lk/funda27>

28. Os futuros da Educação: sustentabilidade humana e do planeta

13 de agosto de 2020

<http://mod.lk/funda28>

29. Em debate: critérios para a volta às aulas

20 de agosto de 2020

<http://mod.lk/funda29>

30. Os futuros da Educação: cidadania e participação

27 de agosto de 2020

<http://mod.lk/funda30>

31. Fundeb: o que muda na Educação

3 de setembro de 2020

<http://mod.lk/funda31>

32. Lançamento do livro *Líderes na escola*

8 de setembro de 2020

<http://mod.lk/funda32>

33. Os futuros da Educação: produção, acesso e governança do conhecimento

10 de setembro de 2020

<http://mod.lk/funda33>

34. Educação na pandemia: voz e ação de professoras e professores

17 de setembro de 2020

<http://mod.lk/funda34>

35. Os futuros da Educação: garantia de trabalho e segurança econômica

24 de setembro de 2020

<http://mod.lk/funda35>

36. Lançamento do livro *O papel da prática na formação inicial de professores*

1º de outubro de 2020

<http://mod.lk/funda36>

37. Ideb: mitos e fatos da Educação brasileira

8 de outubro de 2020

<http://mod.lk/funda37>

38. Educação e pandemia na América Latina

13 de outubro de 2020

<http://mod.lk/funda38>

39. Como incorporar as aprendizagens da pandemia ao currículo escolar

22 de outubro de 2020

<http://mod.lk/funda39>

40. Alfabetização na pandemia: caminhos e estratégias

29 de outubro de 2020

<http://mod.lk/funda40>

41. A Educação das eleições municipais

5 de novembro de 2020

<http://mod.lk/funda41>

42. Lançamento do livro

Palavras às professoras que ensinam a ler e a escrever

12 de novembro de 2020

<http://mod.lk/funda42>

43. Ocupar as escolas, recriar a Educação: caminhos e desafios atuais

19 de novembro de 2020

<http://mod.lk/funda43>

44. Lançamento do livro *Aceito as condições*

26 de novembro de 2020

<http://mod.lk/funda44>

45. Educação municipal em 2021: novos desafios

3 de dezembro de 2020

<http://mod.lk/funda45>

46. Leitura nas férias:

uma saída para o final de ano conectado

10 de dezembro de 2020

<http://mod.lk/funda46>

47. Volta das crianças à escola: riscos e cuidados

2 de fevereiro de 2021

<http://mod.lk/funda47>

48. Estudar na pandemia: a voz dos estudantes

4 de fevereiro de 2021

<http://mod.lk/funda48>

49. Educação municipal: *Agenda dos Cem Primeiros Dias*

11 de fevereiro de 2021

<http://mod.lk/funda49>

50. Desafios pedagógicos para o início do ano letivo

25 de fevereiro de 2021

<http://mod.lk/funda50>

51. Retratos da Educação: pandemia e desigualdade no Brasil

4 de março de 2021

<http://mod.lk/funda51>

52. Educação e juventudes na pandemia

11 de março de 2021

<http://mod.lk/funda52>

53. Novo Ensino Médio: desafios diante da pandemia

18 de março de 2021

<http://mod.lk/funda53>

54. Juventudes na pandemia: como vai a Educação?

25 de março de 2021

<http://mod.lk/funda54>

55. *Fake news* não é brincadeira: o que pode a Educação?

1º de abril de 2021

<http://mod.lk/funda55>

56. Estratégias do ensino híbrido para o Ensino Fundamental

8 de abril de 2021

<http://mod.lk/funda56>

- 57. Metodologias ativas: aprendizagem e engajamento**
15 de abril de 2021
<http://mod.lk/funda57>
- 58. Pedagogia da Terra: outras aprendizagens possíveis**
22 de abril de 2021
<http://mod.lk/funda58>
- 59. #Nem1PraTrás: como manter todos estudando?**
29 de abril de 2021
<http://mod.lk/funda59>
- 60. Alfabetizando na pandemia**
6 de maio de 2021
<http://mod.lk/funda60>
- 61. Somando esforços: experiências de escolas e comunidades na pandemia**
13 de maio de 2021
<http://mod.lk/funda61>
- 62. Engajando estudantes**
20 de maio de 2021
<http://mod.lk/funda62>
- 63. Ações culturais das escolas na pandemia**
27 de maio de 2021
<http://mod.lk/funda63>
- 64. Acolhimento e saúde mental dos estudantes**
10 de junho de 2021
<http://mod.lk/funda64>
- 65. Tecnologia e gestão democrática das escolas**
17 de junho de 2021
<http://mod.lk/funda65>

- 66. Territorialidade no currículo escolar**
24 de junho de 2021
<http://mod.lk/funda66>
- 67. A escola em transição: como será após a vacina?**
1º de julho de 2021
<http://mod.lk/funda67>
- 68. Desafios pedagógicos para o segundo semestre**
5 de agosto de 2021
<http://mod.lk/funda68>
- 69. Lançamento: Anuário Brasileiro da Educação Básica 2021**
12 de agosto de 2021
<http://mod.lk/funda69>
- 70. Riscos e cuidados na volta às escolas**
19 de agosto de 2021
<http://mod.lk/funda70>
- 71. Por uma Educação antirracista**
26 de agosto de 2021
<http://mod.lk/funda71>
- 72. Para que e para quem servem as avaliações?**
2 de setembro de 2021
<http://mod.lk/funda72>
- 73. Lançamento do livro *Desafios da profissão docente***
9 de setembro de 2021
<http://mod.lk/funda73>
- 74. Lançamento do livro *Educação Bilingue: como fazer?***
16 de setembro de 2021
<http://mod.lk/funda74>

- 75. EJA: Educação ao longo da vida**
23 de setembro de 2021
<http://mod.lk/funda75>
- 76. Projeto de vida e vida escolar**
30 de setembro de 2021
<http://mod.lk/funda76>
- 77. Educação e direitos da infância**
7 de outubro de 2021
<http://mod.lk/funda77>
- 78. O que é ser professor hoje?**
14 de outubro de 2021
<http://mod.lk/funda78>
- 79. Escolas 2030: escolas inovadoras**
21 de outubro de 2021
<http://mod.lk/funda79>
- 80. Lançamento do livro Educação em movimento**
28 de outubro de 2021
<http://mod.lk/funda80>
- 81. Por um Sistema Nacional de Educação**
4 de novembro de 2021
<http://mod.lk/funda81>
- 82. O valor das avaliações educacionais**
11 de novembro de 2021
<http://mod.lk/funda82>
- 83. Educação de qualidade: indicador das relações raciais na escola**
18 de novembro de 2021
<http://mod.lk/funda83>

- 84. Educação, direitos humanos e mais**
25 de novembro de 2021
<http://mod.lk/funda84>
- 85. Desafios da Educação Ambiental na escola**
2 de dezembro de 2021
<http://mod.lk/funda85>
- 86. A importância do ambiente escolar para a equidade**
9 de dezembro de 2021
<http://mod.lk/funda86>
- 87. Perspectivas para 2022: Educação e os impactos da pandemia**
16 de dezembro de 2021
<http://mod.lk/funda87>

A Fundação Santillana



A **Fundação Santillana** realiza e apoia iniciativas que contribuem para o desenvolvimento da Educação e da cultura, incentivando a produção e a difusão de conhecimentos sobre temas centrais das políticas educacionais, do ensino e da aprendizagem.

Sua atuação tem como foco a superação das desigualdades educacionais, com base na certeza de que a Educação é o motor do desenvolvimento de um Brasil mais justo, democrático e sustentável.

As ações compreendem a disseminação de conhecimentos para munir gestores de instituições públicas e privadas, professores e toda a sociedade civil com informações de qualidade em defesa da Educação de excelência para todos. Para isso, está ao lado de educadores e pesquisadores que constroem saberes na academia e no dia a dia das salas de aula, sempre na fronteira do conhecimento.

A Fundação Santillana também fomenta o debate plural sobre desafios e soluções compartilhados por gestores, professores, pais e alunos em diferentes instâncias e regiões do país por meio da divulgação de análises, ideias, indicadores e boas práticas nas políticas públicas, além de incentivar premiações que valorizam professores e gestores.

Atua no Brasil e na América Latina, trabalhando em parceria com organizações nacionais e internacionais no desenvolvimento de projetos e obras de referência nas temáticas educacionais e da cultura.



O lugar da Educação e outros temas urgentes

NOVE WEBINÁRIOS DA FUNDAÇÃO SANTILLANA

Este livro reúne diálogos em torno dos desafios da Educação que emergiram durante a pandemia de covid-19, mas estavam latentes desde antes. A Fundação Santillana se somou a educadores e educadoras, organizações da sociedade civil e movimentos sociais que, ao longo da crise sanitária, se empenharam para que os vínculos educacionais entre comunidades escolares, estudantes e familiares resistissem. [...]

Nossos webinários semanais foram o espaço de diálogo com pessoas para quem a Educação é parte de um processo de conhecimento, compreensão e transformação, tanto pessoal como do mundo – uma Educação militante pelos direitos humanos, pelos direitos de aprendizagem, pela valorização da diversidade e comprometida com a sociedade mais justa, sem racismo e outras formas de discriminação. [...]

Agradecemos aos convidados e às convidadas que participaram desses encontros, às pessoas que nos acompanharam ao longo das conversas e àquelas que, por meio da leitura, conhecerão os diálogos que deram origem a este livro.

André Lázaro

Diretor de políticas públicas da Fundação Santillana

